

COMEDIA FAMOSA

O cerco da grande cidade de Deus pelo rei de Sicilia, devoção pelos defuntos, ou triunfo das almas

PESSAS QUE FALAM

Um Bispo
Um conde Fabriço
D. Rodrigo
Um rei Baltazar
A Infanta Cacilda,
Fernando Gracioso
Marquez de Calabria
Romeiro Vandoleiro
Um Alcaide
Um rei de Candia
ou o principe Luduvicos ou Luiz
Um menino da Infanta
Cacilda
Lusbel
Um exercito d'almas que vão
defendera cidade de Deus
sendo capitão delas

D. Rodrigo

PRINCIPIO

Bispo
Ó rainha do ceu império,
Manancial das vivas ágoas,
Refugio dos pecadores,
Maria cheia de graça.
Titulo deste templo,
de Deus aqui collocada
Padroeira d'esta cidade
Em logar das minhas esperanças ;
E com que gosto admitida
Pois estais tam venerada,
Da cidade que é fundada
Deu fim a obra cumprida
Permitti, eccelsa mãe
Concedei-me Virgem Santa
Que o meu fim e o de meu irmão
E o conde Fabriço vá
Em aumento pelos seus
Esta devoção tão Santa
Que é rogarpelos defuntos
Que estão na Graça de Deus.
Para que seus corações
Se imprimam e suas almas
Gozem da Gloria e de vós
Na celestial morada.
Para isto tenho gastado
Todas as minhas rendas
Por isto tenho passado
Trabalhos, Fadigas e contendas
Por ver o templo acabado.
Pois hoje deu fim a obra
Tão maravilhosa e rara
Que tanto a Deus agradará
Em canticos e louvores
Resoe a musica e acorde
Publique a voz sua fama.

musica
Viva a cidade de Deus
E viva a nossa flauta
Pois desta cidade ao céu
Se conduzem muitas almas.

Alcaide
Animo, Animo,
Pilotos lá sobre a noite
Que já as muralhas altas
De Cerdenha se descobrem
A este tempo haverá rogi
do, que se vem desembarcan
do pelo mar

BISPO
Olá, Centinela, e guardas
Que estranha a novidade é essa?
Sai o Alcaide compressa diz o
ALCAIDE

É nosso irmão, que acaba de chegar
Agora ao porto de Cerdenha.

Vai-se o Alcaide

BISPO
Tua vinda ignoro
Não sei o que alma me anuncia
Em tal passagio como este
Muito temo a tua jornada.
Sai o Conde Fabricio e diz

CONDE
D. Andrés irmão?

BISPO
Conde?
Desta viagem empenhado
Com que á Cerdenha é chegado
A mim medo corresponde;
Nunca contente cumprido
Pois agora que em estado

De ver meu gosto acavado
Um desgosto hei recebido;
Para chegar desta sorte
Sem saber da tua vinda,
Pregnostica é a minha vida
De um lance terrível e forte.

Irmão, que novidade
A Cerdinha te á trazido!
Acaso vindes fogido? Falai-me?

CONDE

Só que me escuteis pretendo
Que tem mistério prudente.

BISPO

De tua voz estou prudente.

CONDE

Pois atende.

BISPO

Já te atendo.

CONDE

Sabeis D. Andrés irmão
Que o que teve liverdade
Para governar um rei
Em seu palácio real
Também o poderá ter
Para dizer a verdade.
Não sei como vos declare
Eu sei que não duvidais,
Que o pecar é para os homens,
E de Deus o perdoar.
Por morte de nosso pai,
Vós o condado herdais,
E por tirar pela Igreja
Vós em mim o renunciáis;
Desteis-me o condado a mim
E como vosso irmão me honrais
Saveis que com vossas rendas
Fundámos esta Cidade
E edificuemos um templo
Que segundo vejo já
De todo deu fim à obra
Em ela sei que colocaís
A Imaculada Virgem
Da Graça por titular.
Fundastes gran confraria
E mandastes que a regar
Viessem pelos defuntos
Todo o povo em geral.
Por meu braço e por minha espada
Foi temido pelo mar,
E em todas essas fronteiras
Dei provas de General
Achei-me em várias batalhas
E o estandarte real
Ganhei uma vez ao Granterão
Matando ao solemne Soltão
Como morreu não direi
Porque é muito que falar
Por estas e outras façanhas
Dignas de nomear.
Baltazar rei da Sicilia
Ma mandou logo chamar
Seis anos como sabeis
Sirve ao gran rei Baltazar
De secretário e agora

De copeiro maioral
Tem me sabido a fortuna
A tão supremo logar
Que a temo e com razão
Que em efeito sou mortal.
Mas não quero referi-lo
Pois não ignoraráz
Vamos ao que nos importa
Que é o que aqui me traz:
A Infanta formosa Cacilda
Filha do rei Baltazar
Pós os olhos em mim,
E eu nela á deu logar
Foi assisti-la uma noite
Com meu Vizarro disface
Deu-me entrada em sua Celda
E para dizer a verdade
Amantes os dois ficamos
E sem pudermos falar
Com os olhos linguas mudas
Nós tratamos de explicar;
Tendidos ficamos ambos
Nem ela menos nem eu mais
Porque ela ficou sem vista
E eu hei-de falar a verdade
Cego me olhei à luz
D'aquela formosa de idade;
Ainda que tinha presente
Que era pessoa real
Não me tinha eu por menos,
E vós Santo Cardeal
Save Deus e eu o sei
Que a ocasião deu logar
Os sonhos que aos homens cegam
De quere-la estimar
Já tenho dela um filho
De três anos algo mais
E seu pai o rei se diz
A determina a casar
Com esse rei de Candia
Segundo hei sabido já;
E se a sua noticia chegar
A vida nos tirará;
E o castigo da Infanta
É o que eu temo mais.
Isto é o que me obriga
Em segredo a chegar cá
Para que a Sicilia passes,
nde nos possa casar
Com silêncio e em segredo
Que ela resolvida está
A ser minha esposa
E eu dela. Que ma arraz.
Isto venho a suplicar-vos
A isto minha vinda á sido
Só a isto e nada mais
De vosso auxilio me ampare
Bem conheço que fiz mal,
Ao feito não á remédio
Olhai lá que me aconselhais

BISPO

Muito santo Conde irmão
A noticia que me dáis
Que se o segredo se sabe
Ambos vos arriscaís

Que Baltazar é soberbo
E á-de querer-se vingar
Mas a Infanta Conde irmão
Ela quer com vós casar?
Tem-vos amor?

CONDE

É tão grande a amizade
Que em seu coração me tem
E em meu coração está.

BISPO

Pois antes que vos ache menos
Vos podereis ir embarcar
Para Sicília, que eu
Em breve irei visitar
Ao rei, e a Infanta bela
E se resolvida está
Em tomar com vós estado
Eu vos irei casar.

CONDE

Deixai que vos veije a mão
Como bispo e como irmão
Mas dizei-me; Rodrigo
Meu sobrinho onde está?

BISPO

Em seu quarto o contemplo
Ocupado a estudar
Seu engenho é peregrino
E é muita sua habilidade
Grande ensabelo tem custado
Para ver de o ensinar
Mas premiado ve-lo espero
Tanto trabalho e afam
Entrando em religioso
Que este estado lhe hei-de dar
Porque é estado mui grande
Ser pregador e cantar

CONDE

Deus vos o deixe cumprir
Pois tanto disso gostais,
E assim com vossa licença
Me parto já a embarcar
A servir em seu palácio
O grande Rei Baltazar
Da minha ausência não save
E darei que suspeitar
Se a sua notícia chegar
Que vim a esta cidade.

BISPO

Deus em bem vos leve irmão
E eu pensarei em rogar
Desta luz quanta quereis
Porque possais aumentar
A devoção dos fiéis.

CONDE

O mesmo farei por lá,
Vão-se. Descobre-se Rodrigo
sentado a uma mesa com livros
vestido de hábitos de frade franciscano, e o retrato de uma mulher

RODRIGO

De que serve o meu disvelo
Se me causa cruel guerra
De que serve ter aqui
Estes livros ao meu lado
Haver sciencia estudado
Mais que nemguem cá na terra?

Se eu estou enamorado
endido e apaixonado
Com um continuo disvelo?
Eu vi um sol aparecer
Mas se bem se considera
Vi uma dama: Luz Bela!
Vi o ceu numa mulher;
Mais prendas vi tão bellas
Esta mulher constante (mostra o retrato)

do

Que sua boca é um diamante
E seus olhos são estrelas
Eu não sou meu já estou
Fora de mim, porque vivo
No amor discursivo
Pois senhor de mim não sou.
Este retrato me há enviado
Quero vélo (mostra o retrato)

Que rosto bem far-me-lo

Por mossa dama bem argido
Quem tanto bem conheceu
Só isto é que me faltou
Para ser escravo tou.
Adoro-te com lealdade,
E firme serei em adorar-te,
E para mim mais bem amar-te,
Pois em ti minha vontade.
Já por ti os livros deixo
Firme serei em adorarte
E eles se esquecerão
Firme serei em amar-te
Pois é conselho mais sã.

Levanta-se atira com os livros
e colga os vestidos ou habitos

RODRIGO

Por esse chão ultrajados
Vos quexareis com razão
Desta vil infama acção
Vendo-vos já desprezados!
Hábito funesto com pressa
Aqui has-de ficar colgado
Que já estou enamorado
Já não quero continuar missa
Nem ao menos por promessa,
Não duvido do rigor

Te quexaras com razão

Desta vil infama acção,

mas isto causa o amor.

Sinto deixar-vos assim

Vestidos enbergonhados

Vendo-vos assim colgados

Podeisvos queixar de mim.

O quarto quero cerrar

Que virá meu tio Bispo

A ver-me e vendo isto

Comigo se á-de enraivar.

Quero que no doce aprisco

Eu apresente o meu ano

Nesse crescido rebanho

Do serafico Fraidisco.

Para frade havia estudado

Essa carreira seguia

Mas vi esta estrela, e me guia

A esta senda e a outro estado.

(mostra o retrato)

Adeus livros e vestidos
Da sacerdotal roupagem
Que eu vou buscar outro traje
Ferido do Deus cuprido
Vai-se e sai o Bispo

BISPO

Já por instantes bem juntos
Com grande veneração
Se entende a devoção
De fazer bem pelos defuntos
Ao quarto do meu sobrinho
Rodrigo, hei chagado já
Mas ele estudando estará
Que seu estudo é peregrino
Seu engenho é agudo bem
Mas verei em que se entretém

Abre a porta, vê os livros
estrapalhados, vê os hábitos colgados
e diz:

BISPO

Que é isto! Ó ceus divinos!
Meu Deus que veem meus olhos!
Os livros estrapalhados!
E os hábitos colgados!
Destas portas e ferrolhos!
Rodrigo, sobrinho amado?
Que novidade onde estas?
Como assim penas me das
Desta sorte me has deixado?
Porque vendo o que vejo
Dás claro a entender (levanta os livros)
Que tu te tens esquecido
Por algum desejo vão
Ou com alguém tomaste amor.

Sai o lcaide e diz:

ALCAIDE

Que me manda meu Senhor?

BISPO

Há! certo temor
O meu coração transpassa
Haveis visto o meu sobrinho?

ALCAIDE

Pelo palácio torbado
Sem hábitos vai correndo,
Vestido de leigo dizendo,
Que já quiere ser casado.

BISPO

Cala-te não digas mais,
Que morro de haver te ouvido,
E de tua voca sabido
Tão desarregrado azár!
Que me serviu que estudasse
Tanta sciencia e teologia
Se o prazer que eu trazia
Com ele se desvanecia.
Hei-de ralha-lo e aconselha-lo
Haver se torna para Frade
Caminho tão verdadeiro.
A Sicilia passarei,
E comigo o levarei,
E do rei aconselhado,
Seu intento mudarei
Vou determinar a partir
Minha jornada seguida
A consultar com El-rei,
no palácio em Sicilia.

ALCAIDE

Nada falta que prevenir,
Vossa eminência Senhor;
Pode partir ao momento.

BISPO

Queira Deus que em breve temp
O veja eu em bom rigor.

ALCAIDE

Assim o queira Deus Senhor.
(vão-se)

Sai o Marquez como de noite e

MARQUEZ

Bem conhece que é uma ação,
Temerária, esta que entendo
Neste assumpto violento
Endigno deste vastão;
Quem com amor e ceume,
Teve discurso já mais
Que se o tivera é certo
Que o amor nunca lhe dera
O atributo de cêgo.
Suspeita certa eu tive
Que o onde atrevido valente
Amante adora a Infanta
E assim com cautela e intento
Esperala no Jardim
E descobrir-lhe o meu peito
Para que saiva que a adoro
E se não atende a meus rogos
Com excessos violentos
Hei-de forçar sua honra
Estes s'ão os meus intentos
Aqui oculto entre esta mata
Amante atrevido a espero
Aqui me retiro.

(retira-se)

Sae o Conde como de noite e diz:

CONDE

Agora que em socegado silencio
Está neste sitio a Infanta
Prevenida ao nobre intento
Vigilante virá a ver-me
Para saber o successo,
Daquella viagem a Cedanha
Neste jardim a espero;
Valha-me Deus que de sustos
Ocasione o amor cego,
Que cobarde é o delito!
Pois de Candia é certo
Que com a Infanta pretende
Em lançar o jugo estreito
Do matrimónio e sem duvida
Correm nossas vidas perigo
MARQUEZ a parte diz:
Giga Deus, que este é o Conde
Que a amante a este logar veio
Aqui oculto hei-de saver
Se é certo o meu receio.

Sae a Infanta disfarçada com
chapeuzinho e capa e diz:
Amante e determinada
Em o confuso silencio
Esta noite vim falar
Onde meu doce esposo
Com a tanto que já
Ausente de mim está

Cada minuto que passa
 Por um ano o considero
 E para que meu pai o não saiba
 Assim disfarçada venho
 Mas além descrebo um vulto
 Farei a senha primeiro;
 Que deixei ao Conde porque
 Não se descubra meu peito;
 E chegue a meu pai o rei,
 Notícia de tal segredo (anda)
 Ah! Cavalheiro sois vós;
 Quem o Jarmim branco e tenro
 Colher ententá-lo aurora?

CONDE

A esperança me dá alento
 Que o Jasmim sem esperança
 Viver não pode um momento

INFANTA

Conde esposo?

CONDE

Infanta bela?

INFANTA

Muito as tuas finezas devo

MARQUEZ a parte

Cautela minha atenção

Esta é a Infanta, ver quero

O Que os dois determinam

Em o confuso silencio

Pois vem assim disfarçada

Encerram algum segredo

INFANTA

Foi feliz, vossa viagem?

CONDE

Foi tão feliz doce esposa

Que lograremos infanta

O fim a que estas disposta

INFANTA

Em que se ocupava o Bispo?

CONDE

Em dar as graças ao Ceu

De ver o seu gosto comprido

Posto deu fim ao templo,

E a Cidade Sacrosanta,

Donde fundade nós temos

Uma Santa confraria

D'onde grandes e pequenos

Fazem bem pelos defuntos

E tanto se vai estendendo

Esta devoção tão Santa

Que não duvido que aos Ceus

Sirva de muita alegria

E dê muito alivio a elas

Contei-lhe Infanta o estado

Do nosso numeroso affecto

E como um filho a nós dois

De tres anos nos dá o Ceu

Sem que em palácio nenhum,

Se haja sabido o segredo

Apenas lhe conteio que referido deixo

Ficou Infanta de vir,

A casar-nos mui ligeiro

INFANTA

Queira o Ceu que isso se faça!

CONDE

E eu suplico aos Ceus

Que o rei teu pai não saiba

O que em confuso silencio

Há estado calado tanto,
 E não ha descoberto o tempo
 Ainda que te quero e adoro
 E por esposa te tenho
 E não pode ser dilicto
 Quando o fim é tão honesto
 A soberba de teus pais
 Infanta é a que eu temo

INFANTA

Como sejas meu esposo

Maior fortuna não espero

CONDE

Grand lealdade querida Infanta

Ao vosso carinho devo

Infanta

Serás meu Esposo?

CONDE

E vós minha?

INFANTA

Vós meu amante?

CONDE

Vós minha dona?

INFANTA

Vinde a ver a meus paes

A quem prevenido tenho

Que a causa da vossa ausencia

É um caso de instrumento(engenho)

CONDE

Sempre estarei confessando

Que a alma e a vida vos devo

INFANTA

E eu conde estarei sempre

Amando e agradecendo (Vão-se)

SAE O MARQUEZ

Que é isto que vejo?

Confuso estou e admirado

Será isto certo ou sonhado?

A Infanta do onde um filho!

Como meus raivosos ceumes

Não matam o Conde e a Infanta?

Mas não! Dessimulemos vingança,

Que ao rei eu lhe darei parte

Pois com o peito que intenta

Fazer, loucamente cego

De casar-se com a Infanta,

Sem que orei, saiva o sucesso:

Lhe ha-se seguir contra o conde

Guerras civis e incendios

E deste modo darei

Aos meus remorsos triumpho; (Vai-se)

São Rodrigo enfadado e o Bispo de
 traz e diz:

RODRIGO

Não tendes que porfiar meu tio,

Que eu não hei-de querer,

Vosso gosto que é morrer,

Se estado hei-de tomar,

O estado que escolher

Voluntariamente são

Os matrimoniosos não

Bosquei outro para mim

Meu gosto todo atropela

Já os livros esqueci

Adora minha fé aqui

Esta espada e esta estrela.

Mostra um punhal e um retrato

E em acção tão impotente

Não direis que me guiou,

Que os meus olhos alumiu
E me deu bastantes luzes. (ao retrato)
Pois hei-de seguir sempre a ela
E não hei-de poder fazer
Que eu esqueça esta mulher,
Porque é sol; lua e estrela;
E assim deixai-me seguir
A felicidade ou fortuna
Que Deus me tem destinada
E assim a Deus hei-de servir;

BISPO

Oh! Quanto sinto Rodrigo
Esta novidade prolixa
E não queres que eu me aflija
Havemos feito contigo
Tantos extremos d'amor!
Ensinar-te tantas sciencias,
Ofreer-te as impertinências
E agora dar-me esta dor?!

RODRIGO

Não vês que sou de Cerdinha
Meu coração é de Penha

BISPO

Que isto cause uma mulher
Pois uma coisa te pido
Que faças Rodrigo amado.

RODRIGO

Se não é tocando-me ao estado
Me acharás pronto e remediado

BISPO

Que a Sicilia a ver o rei
Venhas commigo que gosto

RODRIGO

Por te não causar desgosto
Nisso te obedecerei

BISPO (isto é a parte)

O rei ha-de ser padrinho
Advogado e entercessor,
E o guie a outro caminho; (Vae-se)

RODRIGO

Bela de idade com razão (olhando para o retrato)
Esta ausencia has-de sentir,
Mas podeis attribuir

Que a levo no coração. (Vae-se)
Sai o rei com uma carta, o conde
a infanta, e o marquez e diz o o
REI

Esta carta me vem de Candia
Quero ver o que diz
Por ver se convém ao meu reinado
Vêde-a vós Conde.

Dá-lhe a carta ao Conde

CONDE Assim diz:

(lê) Gran Baltazar rei da Sicilia
Senhor da Infanta Cacilda vossa filha
Achando-nos servos e tutores
Do Rei da Candia
E desejando que tome estado
Pedimo-la para esposa,
D'este príncipe
E fazendo assim
Se ordenaram os recevimientos
Que convenham a príncipes
Tão estranhos como
Desgovernadores de Candia
(Conde ~~ela~~ à parte)
Só isto me faltava Deus!
Não me trates com rigor

(INFANTA à parte)

Morro de pena e de dor!

MARQUEZ

De incendio abrasador
O meu peito chamas tem.

REI

Isso escrevem pois convem
Que a Infanta tome estado.

Vão-se Sae Rodrigo e Fernando
pela porta do rei e diz

RODRIGO

Todos faremos o mesmo
Que meu tio lá em Cerdinha,
Uma há instituido.

Mas has-de saver Fernando,
Que é tão terrivel meu tio,
O Senhor Bispo D. Andrés,
Que não quisera servi-lo,

Manda-me que tome estado,
O estado que é escolhido,

E de matrimonio ou casado;
Ele queria que eu fosse

Frade Franciscano e isso,
Vai contra a minha vontade

E eu Fernando querido
Estou namorado em verdade

Não me sujeito nem me rindo
Mas prossegue...

FERNANDO

Digo Senhor que por sua Caderne

Seu brio, sua Nação, e gentileza
Que assuas obras lhe remeta

O fez o rei morri-mor
E deste officio a saído

A ser secretario e nisto
Quatro anos a servido,

Ao fim a Infanta Cacilda se namo

RODRIGO

Acaba dize

FERNANDO

De teu Tio que Deus o guarde
Nosso Conde D. Fabricio;

E tambem saveras que tem
Já da Infanta um filho

Quer seu pae que se case
Porque outro rei a tem pedida

Herdeiro de Candia
Destas ilhas longe visinha

RODRIGO

Não em balde mandou chamar
A meu Tio D. Andrés

FERNANDO

A história bem a vês
O que has-de fazer é calar

RODRIGO

Pois trata o conde de vir
Para escapar com a Infanta

FERNANDO

Se este dito não adianta
Mal se podera esperar.

RODRIGO

Deus os Dispense e aparte
Das fúrias que tem o rei.

FERNANDO
É como um boi
Não há quem de trutar o farte
(Rogido dentro e diz)

RODRIGO
Gala; que gente roge.

FERNANDO
Será o rei D. Rodrigo
Vamo-nos daqui amigo

RODRIGO
Amigo vamos (vão-se)
Sae o ei e o Bispo e diz o

REI
Imagem que no mundo
Não se ouvisse tal devoção.

BISPO
De esta Santa devoção
Sou eu quem o tem fundado
O referido condado
De direito vem-me anim
E por ser meu gosto assim
A meu irmão o tenho dado
A cidade que contei
Fundei um Cerdenha, Senhor
E cheguei a ser pastor
Da cidade que fundei
Mandei pregões muito juntos
A povoar os que queriam
Viesses, mas que seriam
Mui devotos dos defuntos
Dei-lhe franca esta nousada
E assim me valha o Senhor;
Que não tomado com amor
A devoção consagrada
Causa é ver o que ali obram
Os sacrificios que fazem
Até os meninos que nascem
Ao senhor os encomendam.

REI
A vosso sobrinho vi
E em affecto me agradou
BISPO (diz a parte)
Minha alma me pesou
Sem duvida mo vai pedir!

REI
Galhardo moço é por certo.

BISPO
Será vossa magestade
Meu padrinho favorável
Um mercê lhe pedirei
Senhor ma concedeis?

REI
Como eu possa...

BISPO
Bem podeis.

REI
Pois eu vos concedo
Bispo, a mercê é
Que me sirvais de advogado
Quando meu sobrinho amado
A veijar chegue seus pés
Eu criei este mancevo
Desde pequeno e Infante
E o fiz ser estudante
Dos meliores que é na terra
De seus estudos prezado
Estava quando atrevido
Tirou com livros e vestidos

Dizendo hei-de ser casado
Ah! Desgraçado intercessores
Advogados e padrinhos
E teólogos mui divinos
Que confundam seus horrores
Mas como é De Cerdenha
Se é empenhado sou advertido
Que for ser ali nascido
Basta para ser de penha.

REI
D. Andrés farei assim
Discurso lhe há-de fazer
Por dar-me a mim algum prazer,
Posto que o mando aqui.
Sae Rodrigo de gala e diz
Meu Tio e o Rei?
Alto aqui...

REI
Ah? D. Rodrigo?
RODRIGO
Senhor? (anda sobre o rei)

REI
Dizei-me que vos parece
Desta corte que se lhe oferec
A de Cerdenha é melhor?

RODRIGO
Vossa Magestade Senhor
Tem em Sicilia uma Corte
Que é das do mundo norte
Pois não a haver melhor
Ao passo que será melhor
Compara-la se mereceu
Pois será melhor o Ceu
Por ser toda a divindade.

REI
Me haveis causado novidade
Ao ver-vos de Gala vestido,
Para quando foades hei ouvido
Tenhais Rodrigo estudado?

RODRIGO
Bem o podeis dizer
Sciencias varias estudei,
Mas já d'intento mudei
Que outro estado quero ter.

REI
Rodrigo estou empenhado,
De que sigas a carreira,
D'aquella intensão primeira
Esquece filho o ser casado
Que maior fortuna esperas
Alcançar Rodrigo amado
De perfeição grande estado
Se religioso estiveras?

BISPO
Dár-se-a acaso desta vez
Que nem obedecer ao rei Qués,
Pois procura teu maior ventur

RODRIGO
Não sou desse parecer
Em todo o rei meu Senhor
Pronto estarei e humilhado
Não sendo tocante ao estado
Que esse hei-de elegi-lo eu.
Em um habito hei-de trazer
Mas capinha! Eu sou lagarto?
Eu vestir-me com esparto?

Em saias como molher?
 Deixai já de aconselhar-me.
 BISPO
 Procuras d'atormentar-me!
 RODRIGO
 Tu minha perdição procuras!
 REI
 Não te abrandam as ternuras!
 RODRIGO
 Quero gan Senhor salvar-me,
 Se sou Frade me condeno;
 Se sou casado sirvo a Deus;
 Já entendi s os ditos meus...
 REI
 Eu digo que é Santo e Bom,
 De matrimónio o estado,
 Mas vencendo essa paixão,
 E entrando na religião,
 Teu intento verás mudado;
 RODRIGO
 Por impossível o tenho.
 BISPO
 Faz isto por mim.
 RODRIGO
 Não me atormenteis assim
 Nem te escuto nem te entendo.
 REI
 Olha que essa louca elusão,
 Esquece esse amor Rodrigo,
 Se não fazes o que te digo,
 Porvas minha indignação,
 Como louco e atrevido,
 Mostras tanta resistência
 Ultrajar a obediência,
 D'um rei que te ha pedido;
 Como tanto porfiar,
 Louco altivo e desgraçado,
 Não é grande o sublime estado,
 Cantares missa e pregar?
 Como atrevido moço
 Tam arrogante lhe perdes
 O temor ao rei e te atreves
 Viva Christo Senhor nosso!
 RODRIGO (a parte diz)
 Temo de vê-lo irado
 Já sei que á força hei-de ser
 Mau frade e pior casado.
 REI
 Que me respondes, Rodrigo?
 RODRIGO
 Que pronto senhor, estou.
 BISPO
 rendido graças vos dou
 Pois o vejo reduzido.
 REI
 Chega a meus braços cuntrito.
 RODRIGO
 Aos teus pés.
 REI
 Rodrigo, levantai-vos
 RODRIGO
 Mande vossa Magestade.
 REI
 Que vás depressa para o Convento
 BISPO
 Oh! que alegria e contente

Pois logrei o meu desejo
 RODRIGO(vai-se e diz a p
 parte)
 A morte bem perto a vejo
 Neste estado enfadador.
 BISPO
 Para volver-me Senhor
 Licença me haveis de dar
 REI
 Já vos quereis embarcar?
 BISPO
 Bem sabeis que sou pastor
 REI
 Minha gente va convosco
 Até que chegueis ao porto
 BISPO
 Tanta dita não mereço
 REI
 Ide com Deus
 BISPO
 Ficai com ele
 Vão-se cada um por sua po
 porta e canta a musica es
 tes versos.
 Já Rodrigo por esforçado
 Tornou outra vez ao conven
 to
 E Lusbel com suas astucias
 O mudará do seu intento;
 Dando-lhe aos Frades a mor
 Se ha-de meter salteador
 Junta uma companhia
 Farão estragos de horror
 (Sae Lusbel com um punhal
 um retrato, e ao mesmo tem
 descobre-se Rodrigo vestid
 de frade dormido sobre a m
 sa aonde estão os livros e
 diz.
 LUSBEL
 Desta escuridade ambrosa
 Deste palácio encantado
 Saio a dar guerra a um sol
 dado
 Com minha força poderosa,
 A frade Rodrigo esta faga-
 nha
 Procuro ver desgraçado;
 Que para um frade forçado
 Não preciso muita manha:
 Está na celda dormindo,
 O encontro não em oração,
 De mim ficara vingado
 Porque já tem má intenção
 Este punhalle retrato
 Vou-lhe a pôr no seu livro
 Porque estando dormindo
 Esperte e fique estupefact
 endo o retrato lá,
 E o punhal entre seus livr
 Vacilarão-lhe os sentidos
 E por fim se escapará.
 (Chega-se á Cella depois d
 haver metido o punhal entr
 os livros e pôr ali o retr
 to diz
 LUSBEL
 Dormes, Rodrigo amante?

RODRIGO
Quem me chama neste instante?

LUSBEL
Um parâmetro do céu,
Que venho por Deus mandado
A dizerte que te cases,
Não sejas frade forçado.
Não creias em Baltazar,
Nem em J. Andres o bispo,
Que para frade frascisco,
Se empenham que este estado
O sigas contra a vontade.
Deus não quer esta violência,
Por isso Rodrigo amado
Escolhe tu o teu estado
Que lhe não fazes ofensa;
Que me respondes Rodrigo?

RODRIGO
Eu que hei-de responder.

LUSBEL
A um mensageiro de Deus.
Não tens nada que dizer?

RODRIGO
Digo que não esquecerei
Aquela formosa mulher.

LUSBEL
Vou-me pois já o deixo
Enganado sem saber. (Vão-se)
(RODRIGO diz sonhando)
Eu sugeito a um vil prelado!
A uma obediência obrigado?!
Eu num convento metido?!
Eu contra a minha vontade
Sugear-me... Ohe! dura lei!
Por dar gosto a um vil rei
Desprezar uma deidade (recorda do
sonho)
Meu Deus isto é ilusão,
Valha-me Deus que sonhava,
Que eu o convento deixava,
Levado desta paixão
A reza quero anabar
Pois o dia... transeforte!
Que olhos! tirasorte!
Que vejo! certo pesar!
Quem pos no meio das folhas
Deste livro o meu tormento!
Oh! quanto sinto ver-me ausente,
Sinto na minha firmeza
Não me causes mais tristeza
Bem sei que teu rosto vi,
Bem sei que a minha fé
Tão leal eu pus em ti,
Bem sei que has-de dizer
Que fui desleal amante;
E que sou tão incunstante
Pois faltei ao teu dever!
Não tive a culpa eu não!
Não desprezo a formosura!
Que foi a pouca cordura
E um rei me fez tração:
Que hei-de fazer?
Deixar o convento.
Oh! Deus, é grande tormento
Não que é grande pecado;
Mas sim que ver-me forçado
Desculpa meu atrevimento:
Mas não, que o meu coração me diz
Tem-te que vás desprazado:

Mas im, que ver-te forçado,
O coração me contradiz:
Isto é de ser. (Vai a ler como que
venceu a paixão e vê o punhal.)
Mas que vejo!
Quem este punhal irado,
Na minha cela a preparado
A medida do desejo!
Pois com ele minha cega sorte
Para fazer maior pecado,
Satisfaço o génio irado;
Dar-lhes a todos os frades morte:
Entra furioso e logo começam as vo
zes dentro e diz o

1º FRADE
Frae Rodrigo
RODRIGO

Morra já guardião
A punhal e a minha mão.

2º FRADE
Valha-me o Deus S. Abraão

RODRIGO
Todos porvareis a mão

3º FRADE
Succorro Virgem Maria
Sae Rodrigo ensanguentado com um
punhal e diz:
De tanto frade renego
Porve também este leigo
O que os outros teem porvado.
(Recolhe-se)

1º FRADE
Frae Rodrigo
RODRIGO dentro diz:
Frae Rodrigo sou demónio
Não me chames Frae Rodrigo

2º Frade
Que te engana o inimigo.

RODRIGO
Mais que te engane o diabo,
Mais quero ser um ladrão,
E roubar com crueldade,
Que estar aqui nesta prisão

3º FRADE
Frae Rodrigo
RODRIGO
Frae Rodrigo bem reparo,
Os vivos que inda há,
Chamando-me desde já
O capitão Frae diabo. (Cala-se)

JORNADA SEGUNDA

Sae Rodrigo com um pao batalhan
do com Romeiro e diz:

ROMEIRO

Morra o vigário do frade.

RODRIGO

Morra traidor lisongeiro

Vás morrer duma mocada,

Não sabes jogar a espada

E falas-me tão ligeiro?

ROMEIRO

Es algum frade ou diabo?

RODRIGO

Ao diabo lhe ponho medo,

E a todo o inferno junto

Ponho espanto se me inquieto.

ROMEIRO

Não vi, em frade tal valor.

RODRIGO

Não vi em salteador

Semelhante cobardia.

ROMEIRO

Detem-te que feride me sinto.

RODRIGO

Presto te rindes?

ROMEIRO

Aqui rendido a teus pés confesso,

Que de valor tão estranho,

Temer pode o inimigo,

Vás fazer o que te pido;

RODRIGO

Se é ao meu gesto ao momento

ROMEIRO

Que sejas nosso capitão

Desde agora para sempre.

RODRIGO

Sim aceito,

Mas te advirto primeiro

Uma certa condição

Ardarás sempre ao meu geito,

Todo o que for ladrão,

E se fazem o contrario

O castigo mais horrendo

De Decleciano e Nerão

Hei-de executar sobre eles

Aceitas este partido?

ROMEIRO

A todo estamos sujeitos;

Como te chamas?

RODRIGO

Frae diabo

ROMEIRO

Pois Frei diabo é vingança

RODRIGO

Pois escutam,

A façanha melhor que ordeno,

A todos quantos ladrões,

Me obedecem que em colhendo,

Trazei-me porque nele quero,

Vingar meu irado riger,

Dando-lhes grandes tormentos:

Pois desde que eu fui frade,

Essa canalha aborreço

Não fique vivente algum,

Que de meu eorção ferro,

Não porve a crueldade

De meu vingativo atento;

Todo sejam crueldades.

Maldades e ingratidões,

Se me quereis ver contento,

E para mais gloria nossa,

Como capitão ordeno

Que ás mulheres gravidas,

Trareis a minha presença

Que com minhas proprias mãos

Essas desgraçadas quero

Fazer a crueldade maior

Que conhecerão os tempos,

Por entre duas costelas

Como lobo carniceiro,

Sacar de suas entranhas,

As creanças e eu crêio,

Que todo o mundo ha-de temer,

Frei diabo o bandoleiro.

ROMEIRO

Pois Frae diabo é vingança

RODRIGO

Obedecer meus preceitos

ROMEIRO

Com ~~tanto~~ teu valor todo é pouco

RODRIGO

Temam um frade ressolto,

Que perdeu o respeito a Deus,

E sirva a todos de exemplo;

Este emu comportamento

Nenguem teme a força os seus:

(Voa-se) Sae o Rei e o Marquez

por uma porta

REI

Sicilianos valorosos,

Valentes guerreiros meus;

O valor que em vossos peitos

Se encerra em vulões tam vivos

Se convertam contra o conde

Contra a Infanta e seus filhos

Seu que serve a façanha,

De nossa coragem em visto

Contra D. Andrés o bispo

As armas guerreiros meus,

Seus estados destroeamos

Abrazae e ponde sitio

A grande cidade de Deus

Cerecae seus muros altivos

Não fique torre nenhuma

Seus labartes e edificios

Caiam, vingareis a ~~fron~~ta

D'um rei que se acha ofendido.

Sae por outra porta Luduvico

com o mesmo intento que tem

Baltazar e diz:

LUDUVICO

Vassalos do rei de Candia

Cujos animos e brios

Tem sido terror e espanto

Destes reis mais vizinhos

Mostrae logo esse valor

O conde D. Fabricio

Ajudando ao da Sicilia,

Pois ambos e dois sofrimos,

Uma ofensa e com agravo

Que nos move a por-lhe sitio.

REI

Principe, com teu valor,

Asseguro meus designos

Tanta ~~repar~~ ~~tenha~~ ~~se~~ ~~corde~~

A Infanta e ao seu bispo,
 Que com bem cautela foi,
 A traição que fez motivos
 Pois os casou em segredo
 Que em veneno convertido
 Tenho o peite, que vê-le,
 Em certeza hei-de feri-lo.
 LUDUVICO
 Dessa mesma empresa espero
 MARQUEZ
 O marquez da Calabria,
 Zeleoso cruel e altivo,
 Será contra o Conde ingrato
 E mais poderoso inimigo
 REI
 Principe, com vossa armada,
 Per um lado
 A cidade celebrada,
 Que é aonde mora o bispo;
 Que eu por este e outro lado,
 Com todo o exército meu,
 Fecharei o forte de Galhar
 Onde está o Conde e seus filhos
 Pra vingar mais a impresa;
 De nossa vingança irada;
 A brazemoseos lugares,
 E passamos a espada,
 A pastores e serranos,
 Destorcendo o que é seu.
 LUDUVICO
 Marche o exército meu
 REI
 Marche o exército todo.
 MARQUEZ
 Morra o Conde D. Fabricio
 LUDUVICO
 A matá-los
 REI
 A destruí-los
 LUDUVICO
 Assim vingo minhas iras
 REI
 Assim meu furor mitiga.
 Vão-se
 Sae o Bispo, o Conde, a Infanta
 O Alcaide e o menino.
 ALCAIDE
 Senhor todo o que falei
 Contam dele e mais não sei,
 Eu só sei que se apelida
 Frae diabo o salteador
 Capitão duma quadrilha
 BISPO
 Chorarei dias e noites
 A gran perda deste homem
 CONDE
 Como dizeis que é seu nome?
 ALCAIDE
 Frae diabo o salteador
 Capitão duma quadrilha
 BISPO
 Em o pranto a Geremias,
 Nesta vida hei-de imitar;
 CONDE
 Não se afflija vossa Senhora
 BISPO
 Como o heide remediar,
 Se a culpa toda é minha!
 ALCAIDE

Por onde quer que passa,
 Tudo manda destroçar
 A gente que anda com ele,
 Tem coração tão cruel,
 Que até dez-zonra as donzelas,
 As mais formosas e belas;
 Quando chega a algum lugar
 Se o padre não tem escapado,
 Furioso cruel e irado,
 Logo o manda enforcar;
 Fendo outro em seu lugar
 Da sua mão graduado,
 Este é o maior tirano,
 Qua anda lá na quadrilha;
 D'algum povo ou d'alguma vila
 Aonde está toda essa flor;
 E cativa as donzelas
 As mais formosas e belas,
 Aquele cura lutherão,
 As desposa de sua mão,
 Com o frade a todas elas
 As reparte por sua gente,
 D'aquelle raio clemente;
 Da queixas e tristezas,
 INFANTA
 Soberano redentor
 Tem peêdade ~~xxxxxx~~ deste homicida
 BISPO
 Estou Infanta querida;
 Por ir aquelas montanhas,
 E em suas profundas entranchas,
 Ali chorar toda a vida,
 Por ele farei penitência;
 Rogando a Deus que se aplaque,
 E daquelle orror o asque,
 E me de a rim pasciencia,
 Porque eu a culpa tenho,
 De tão enormes delitos.
 ALCAIDE
 Tráz soldados tão malhitos,
 Que deles fugindo venho,
 Depois vão-se para as montanhas,
 E para as fraldas dessas serras,
 Nos distraem nossas terras,
 Com diabólicas façanhas.
 (Disparam dentro um tiro e ressa
 guerra e dizem o seguinte.)
 RODRIGO
 Companheiros meus benignos
 Lograremos hoje ocasião
 Morra este infame esquadrão,
 De contrarios inimigos.
 (Atiram outro tiro e diz o)
 MARQUEZ
 Oh! Meus soldados garrai-os,
 Segui-os matai-os todos.
 (Atiram outro tiro e diz o)
 RODRIGO
 São de mulher os teus modos,
 (Atiram outro tiro)
 Sae Fernando depressa a Infanta, o
 Conde e o Bispo e diz.....
 FERNANDO
 O mais estranho successo,
 Senhores tem sucedido,
 Que em todo o mundo se a ouvido
 INFANTA
 Que tem sucedido? contamos isso.
 CONDE

Quererá vir talvez Rodrigo
Ao meu alcançar porventura?

BISPO

Esse traidor que procura
Que nos quer esse inimigo?

FERNANDO

Tem captivo ao marquez,
Que tanto vos perseguia,
E a Infanta o ouvia
Para que nele ponha seus pés,
Penso que em pessoa bem,
Com infinitos soldados,
Olhai lá o convém
Porque já se chega aos muros,
CONDE

Vamos lá para a moralha,
Que pode este touro fero;
Vir aqui a conquistá-la.

FERNANDO

Que nos querará este inimigo,
Sanguinolento e tirano;
Parece lobo inhumano,
Não teme de Deus castigo,
Não tuvida que a esta cidade,
Vem com toda a sua gente
Venha tibio e impertinente,
Fazer alguma maldade;
Suas crueldades são certas,
Livrae-nos do seu rigor
Condados chaves e portas;
(Vão-se) Sae Rodrigo com habito
regaçado, um cinto de pistolas; e
e traz ao Marquez preso com uma
cadeia pelas mãos e diz...

RODRIGO

Famoso Conde D. Fabricio,
Grande senhor de Cerdinha,
Se de paz chego a falar-vos,
Porque me cerrais as portas?
Como sois tão descortez;
Que nem o vosso sangue honrais
Quando a vossa porta chego
Assim os ouvidos cerrais?
Ah! do castelo de Calhar
Ah! do muro?

Sae a muralha o conde, o bispo, a
infanta e um menino e diz o
Conde

Quem vozê-a

RODRIGO

Quem vem de paz a falar-vos,
CONDE

Diz quem és em hora boa?

RODRIGO

É o capitão D. Rodrigo
Que de paz vos bem falar.
Príncipe daquelas selvas,
Capitão de muita gente,
Antes frade e sujeito a obediência
D'um prelado e sou agora,
Rei e Senhor destas Brenhas
Capitão dum esquadrão
Que sujeito às minhas ordens;
Todo o seu valor se acha,
Olhai hoje que diferença;
Antes manejava eu.
Alva e casula na Igreja;
E hoje no momento manejo
Estas armas sem inveja.

12
Ensina-lhe as pistolas que traz
À cinta e segue

Antes a um core sujeito,
E rendido a obediência;
Hoje livre sendo senhor,
De honras vidas e Fazendas;
De missa quisestes ver-me,
Fiz a isso resistencia
Meu gosto foi ser casado
Tirastes meu gosto à força
Pois sabeis hoje que já
Tenho a minha obediência
Mais de 50 mulheres
Que desposado com elas
Estou por sacerdote
Que impotestados ordena;
CONDE

Possível é sobrinho amado,
Que alcançando tanta ciencia
A empregues tão mal, sobrinho
Tem de tua alma clemencia
Pelas ancias e pelas dores
Pela angustia e aflicção
Que ao pé da cruz haveria
De João e de Maria,
Repassou-lhe o coração;
Estas setas com a dor
Que repares nisto é melhor,
Porque Lucifer te leva,
os escuros calabouços
De seus infernos cavernas,
Volva em ti abre teus olhos,

INFANTA

O mesmo meu amor te roga,
RODRIGO

Nobre conde D. Fabricio,
E vós senhora ondessa,
Meus ouvidos estão surdos
E minha indignação preversa
BISPO

Pelas divinas entranhas,
Daquela pomba excelza
Que é a mãe dos pecadores
Peço sobrinho que volvas em ti
Repara que estas louco

E que fazes grande afronta
À mistica cidade de Deus;
Por este que morreu na cruz.

(Mostra um crucifixo)

E passou tantas ofensas,
Por remir os homens todos
De tão asperas cadeias,
De lucifer que me escuta
E meus lamentos atenda.

RODRIGO

Não pratiques que é em vão
Por mim não choreis lágrimas ternas

Que todo quanto praticas,
E em vão e me molestas;
Se não vos calais vou-me,
Sem dizer a proposta.

BISPO

Quê? estás irado?

RODRIGO

Sim

BISPO

Não te abrandaras?

RODRIGO

Sou de penha

INFANTA

Não te enternecem suas vozes?

RODRIGO

Não me fazem seus ecos força,

MENINO

Pois abranda-te aos meus rogos

RODRIGO

Um rapaz não tem resposta.

BISPO

Porque o habito gastais?

RODRIGO

O trago por mais afronta,

BISPO

Repara que te vê Deus

E não tornes a pecar.

RODRIGO

Vou-me por não te escutar.

Faz que se vae

BISPO

Filho espera

Diz-nos pois a que vieste?

RODRIGO

A minha Senhora Condessa,

Princesa destes estados;

Preso o marquez traidor

* sua presença trago;

Este é o vosso inimigo,

Que vos seguiu por mar e terra

Agora me encontrei com ele,

E travemos cruel guerra

E o que a meu tio e a vós

Vendeu com muita cautela,

O prendi e algemado,

O trago à vossa presença;

Para que se vingue dele,

E que lhe corte a cabeça:

Também conde te aviso,

Duma notavel noticia,

Que vem o rei pelo mar,

A fazer guerra e justiça,

Com ele vem o Candia

Tuas guarnições prevem,

Que os contrários são fortes

E nesta terra está bem.

BISPO

Inimigo campeador

Do reino e suas fronteiras,

Aqui viras tu traidor

Em que te fizemos ofensa?

Se estava casado o onde,

Com a Senhora Condessa,

A que foi o matrimonio

Perseguidor da Igreja.

MARQUEZ

Eu sei a causa porque é

Mas debaixo da obediencia

O que o rei me mendou fiz

E trago sua licença.

RODRIGO

Farei pagar-vos traidor

A raiva que a Condessa;

Tens e ao onde meu tio,

Perseguindo sua Excelência

CONDE

Antes sobrinho te peço,

Que uma cousa me concedas,

Que por bondade de Deus,

Divina Santa e suprema,

Aonde os defuntos santos

Oferecem...

Que perdoes ao Marquez,

Pois os Condes de Cerdenha;

Perdão de coração

Todo o genero de ofensa;

Soltai ao marquez sobrinho

Para que va a Sicilia

Contar a nossa nobreza

E também a fidalguia;

Entrega-lhe os meus navios

Porque sobrinho me preza

Que lhe tenhas destroçado

A sua gente de guerra;

Dai-lhe liberdade sobrinho.

RODRIGO

Antes para que não torne

A perseguir-te é melhor,

Que lhe cortes a cabeça

Mas se assim tu não o fazes

Tomo-o eu à minha conta,

CONDE

Pois entrega-mo assim

RODRIGO

Devaixo dessa cautela,

Quereis dar-lhe liberdade?

Perdoe-me Vossa alteza.

CONDE

Pois não me obedeceis?

RODRIGO

No que a mim me tenha conta

Que por dar gosto a meu tio

Vivo eu desta maneira.

(Vae levando o marquez com ele)

CONDE

Atende mas já se foi!

BISPO

Olhai senhor esta ovêlha,

Roubei-a ao vossa a prisco

Não permitais que assim morra

Que as mãos de veraz lobe

Que sua perdição deseja.

CONDE

Já que Rodrigo não quer

Atender nossa proposta

Mina carta tenho escrita

Com a letra do meu punho

Para ver se o reduz

Que as vezes em uma penha

Dando-lhe golpes se abranda

Por dura e rezia que seja

E nela lhe encargarei

Que me guarde essas fronteiras.

BISPO

Conde prevem teus castelos

Pois as almas te avisam,

Que a cidade de Deus,

Quero partir-me Abraçam-se

CONDE

Tua vida guardem os ceus

BISPO

Adeus infanta querida.

INFANTA

O céu vos guarde.

BISPO

Adeus querida.

MENINO:

Pois como em tanta desdita

Deixas a meus paes tão sós.

Sabendo que guerra cruel

Publicam meus avós?

BISPO
 Não passo mais,
 O Céu guarde vossas vidas;
 MENINO
 Não vés chorar miha mãe?
 INFANTA
 Choro filho as tiranias,
 E cruel dade de meu pae
 Que em nos executar vae. (Vão-se)

BISPO
 Cacilda, Deus vos ha-de defender
 Que é sua bondade infinita;
 Confiai em sua clemencia,
 Com Deus ficae. (Vão-se)

CONDE
 Pois sigam ao meu Senhor
 A tropa infantaria
 Que acompanhem sua pessoa
 Estai guardas a vigia
 Que em avistando as tropas,
 Disparem a artilharia; (Vão-se)
 (Sae Rodrigo e Romeiro e diz)

RODRIGO
 Fueste aquele traidor
 Da sorte que vos hei mandado?

ROMEIRO
 Já o deixamos colgado.

RODRIGO
 Morra assim pois fui traidor
 A nossa gente aonde está?

ROMEIRO
 Hão-de emboscados estar,
 Quatro centos nessa serra;
 Que assombram o mar e a terra
 E duzentos a esperar;

RODRIGO
 Os delictos que haveis feito
 Em toda esta semana
 Me contrareis gente enhumana,
 Para ficar satisfeito?

ROMEIRO
 Já a embarcar um doutor
 Mas rematou com a vida
 E, com fazenda perdida;
 Dei morte a um comandante
 A um homem com sua mulher,
 Que neste monte encontrá-mos
 Um tesouro lhe tiramos
 E a vontade de comer
 Também a umas velhas,
 Cujas vozes foram vãs
 Desfolhemos como rãs
 Dos pés até as ôrelhas
 Lhe tiramos suas peles
 E temos feito delas
 Pandeiros para dançar;

RODRIGO
 Dignos sois de castigo
 Não me tendes satisfeito;
 Possível é que nunca acabe,
 De ensinar-te bandoleiro
 A ser cruel e tirano,
 Pois me vés tão enhumano?
 Dizes tu e os companheiros
 Desfolhemos umas velhas
 Lhe tiramos suas peles
 E delas fizemos pandeiros?
 Olhai pois que bandoleiro
 Acostumo eu as velhas

A meia noite acender
 Fogo em lugar de cama,
 De ver como lume brama;
 Quem não recebe prazer?
 As mulheres embaraçadas,
 Costumo eu das barrigas
 Creaturas secar vivas
 Pelo meio das bochadas,
 A dois frades tendes visto,
 Com raivosa indignação
 Sem matá-los, juro a Christo
 Pois como sois humanos,
 Que fazeis poucos horrores,
 Não sabeis ser salteadores,
 A última acção que fiz
 Por dar-te exemplo delas,
 Por olhar para mim um rade,
 E elembra-me de eu ser frade
 Cortei-lhe logo as orelhas,
 (Sae Fernando com uma carta e
 diz ao sair)

FERNANDO
 Deus vos livre de pragões!

ROMEIRO
 Gente sinto agora verás
 Se sou guerreiro se sou humano

FERNANDO
 Ai! de mim perdido sou
 Que me encontrei com Barrabas

ROMEIRO
 Aonde caminhas traidor
 Seras por ventura espia?

RODRIGO
 Deixa lá que é cousa minha

FERNANDO
 D, Rodrigo, meu Senhor.

RODRIGO
 Muito me alegre de ver-te.
 (Fernando diz a parte)
 Como anda de ladrão a metade
 E ao outro meio frade
 Pois causa medo em verdade.
 (Fala para Rodrigo)
 Está com bem pressa,
 Me manda o Conde trazer,

Vae-se
 RODRIGO
 Que quererá dizer.
 Verei que nela expressa,
 Romeiro tu parte já:
 A dar parte a essa gente
 Que se previnam de pressa

ROMEIRO
 Brevemente se lançará
 A estas serras o fogo Vae-se
 Rodrigo abre a carta e lê.
 Meu sobrinho amado
 Estou admirado,
 Do estado que vós tinhaiis
 E agora vejo que estais,
 Convertido em Frei Diabo
 Eras a Gloria de igreja
 Aonde cantavas antes
 Um anjo representaveis
 Com alva casula e Calix
 Tão perto De Deus estaveis
 Caindo diabo entre penhas

Fazendo mil disparates
O que te peço sobrinho,
Que não faças mal a ninguém
Nem alvoreteis meus vassales,
Da-lhe fim às liberdades,
E guarda-me essa fronteira,
Porque essa porta é a chave
De Cerdinha o rei meu sogro
Quer segurar a armada;
Defendei-me minhas terras,
Que lá irão dois capitães
A socorrer vossa gente,
D. Rodrigo, Deus vos guarde.

(Representa)

Isto que me manda bom é,
Mas manda-me que não dê,
Assaltos pela montanha,
Nisto, meu tio se engana,
Que hei-de morrer nesta fé;
Quero mais dencite entrar,
Por um logazito pequeno,
A saquear como quero,
Os bilhões que ocuparem;
A aldeia ou povoado
Quero mais com os despojos,
Ter diante de meus olhos,
Com donzelas que hei-gozado.

(Tocam caixas e Romeiro e
Fernando saem e diz,
ROMEIRO

Famoso capitão Rodrigo
Nossa gente amontoada,
Que em as montanhas habita,
De armas e gente é infinita,
Triunfo de toda a Europa
Neste porto desembarca gente
Põe-te em armas capitão valente,
E demos como nobres nossas vidas,
Que indo tu diante da esquadra,
Em vão o turco ao prussiano ladrão.

RODRIGO

Pois animo soldados,
Marte está de nossa parte,
Não temais pois eu sou Marte,
Nos comesses selvas destes prados
De dez em dez emboscados,
Com cautela e Astúcia nos poremos
Com valor e fúria pelejaremos

ROMEIRO

Vive nosso capitão.

RODRIGO

Toquem as armas soldados
(dentro)

Viva, viva; (Tocam caixas e desparam)

ROMEIRO

Viva, Frae diabo.

RODRIGO

Comigo te vais a ir,
Fernando amigo?

FERNANDO

Ao momento o farei D. Rodrigo.

(Vão-se) Sae o rei e

Luduvico e diz o

REI

Aonde a planta estampou
Achareis guias de minha gente morta
Sanguinolento vejo o campo
De mortes a companhia está coberta,

Depois de haver perdido tanta gente
O marquez de Calabria se acha au-
sente
Pois não bolveremos ao nosso ori-
ente

Até que não venha a perdida gente

LUDUVICO

Se é certo que o marquez,
De Calabria é morto,
Busquemos a este aborto,
E nestes montes e selvas
A vista da minha gente,
Que está por entre as selvas
Com armas e põe-te nelas,
Fero, cruel, rei inclemente,
Alegrai-me desde logo;
Chega-te mais aqui rei;
Tocai a rebate e entremos
Que meu valor é batalhar,
Em todas as partes há-de achar,
Assim como arruinei a outros
Eu preguei e cantei missa,
Por dar-te gosto Siciliano rei,
Esta sacerdotal divisa
Contra minha vontade a toda lei,
Ficarei vingado por saber
Que fui de ti afrontado,
Em morrendo e ao inferno hei-de
baixar

Per minha desordem e loucura,
E seus profundos eternos;
Antes que parta desta selva escu-
ra

Deante de mim quero levar-te;
E por meu gosto acompanhar-te.

REI

Barbaro tirano como queres matar-
-me
Se trago um exército para acompa-
nhar-me

RODRIGO

Eu tenho os pontos deste bosque
Tomados com minha gente
Savemos entradas e saídas,
Melhor que tu na selva presente
Por uma vida me dás cem vidas,
Que a isto a guarra nos convida
E também os meus soldados,
São fortes, bravos e esforçados.

REI

Loucos homens tiranos,
Tocai a rebate aparte minha gente

RODRIGO

Dar fim a esta canalha
A fé, que o dá de ser nesta batalha

LUDUVICO

Tocai as armas soldados,
Que já são muitas brabezas

REI

Baixareis a minha fragata
elo reino e esforçado.

(Vão-se)

Entram dentro cada um por sua vez
porta, dão a batalha dentro, de e
espada e tiros e diz:

RODRIGO

O rei morra na batalha,
E seu exercito inimigo.

Rei
Soldados morra Rodrigo,
E toda sua vil canalha;
Arma, arma, guerra, guerra.
(Sae Luduvico e Remeire ba-
talhando e diz
LUDUVICO
Morre, infame bandeireiro:
ROMEIRO
Es menino e eu sou Remeire
Faro aberto desta serra.

LUDUVICO
Se és Remeire ou Remão,
Rinde, fera.
ROMEIRO
Que me rinda;
A conversação é linda?
(Vão-se) Sae o Rei embainhan-
do a espada:

REI
Morra este esquadrão fero,
Já ficam todos vencidos,
Tenho vingado tantas vidas
Do meu exercito perdidas
Eu não acabo de entender,
Ainda que a gente é possível
Nos dessem tanto que fazer.
Disparam dentro e diz Rodrigo
dentro

RODRIGO
Ai! de mim desesperado morre!
Sae Luduvico

REI
Que é aquilo?

LUDUVICO
O capitão D. Rodrigo
Não pedendo de outra sorte;
Dum tiro deram-lhe a morte.
(O marquez fala dentro e é descoberto
atado a uma árvore em forma de cruz
diz

MARQUEZ
Gran Baltazar, rei de Sicília,
Ampara este desgraçado,
Na maior terrível pena,
Que viram olhos humanos.

REI
Mas lamentáveis vezes ouço,
Que será? Chegamos;
Mas que vejo! Que tirano!
Verdugo, injusto, cruel,
Castiga tão desusado,
Em meu amigo verdadeiro,
Lhe fez o cura tirano.
Marquez, almirante em meu,
Quem o agressor a vida,
O humilie tirano,
Que em tal estado te poz?
Que jure pelo que valhe
De ser seu verdugo cruel,
De assassino ingrato,
De mil vidas que tivera
Para vingar teus agravos.

MARQUEZ
Rei de Sicília famoso
Em o encentro passado,
Esse apostole cruel,
Esse que chamam fraco diabo
Com ignominias a rigor.

Neste lenho me ha estado¹⁶
De pés e de mãos me pöz,
Neste lenho cruzado;
O não haver-me morte é rei
De necessidade foi clare
Que ha estado fixa na minha vida
Só com folhas de castanho,
Aonde prezo me vés,
Elas toca sido o meu pasto,
Em cinco dias que choro,
Tiranias dum cristão.

REI
Quem há visto tal crueldade!
Quem viu t'ê estranho caso!
Pois que legamos a dita,
De livrar-te em tal perigo,
Príncipe ao mar,
Firme-se em ordem meu campo
Meus estandartes também,
Vós ireis por esse lado,
Com a metade das tropas,
Acometereis bizarro
A grande cidade de Deus,
Do prodigioso milagre,
Dessa grandeza do mundo;
Eu com os demais soldados,
Cerrarei o ferde de Galhar,
Abatendo e arruinando
Seus muros castelos e casas,
Até deixar castigado,
O Conde traider e a Infanta;
Vós a um bispo ingrato,
Castigamos sem cuidado
E assim ficaremos ambos
Vós com honra e eu vingado.

LUDUVICO
A castigar meus agravos,
(Vão-se) Sae Fernando e diz,
Vouho imaginando eu,
Com deus fim esta guerra
Pense que do pé da terra,
Se levantou e se deu...
Disparam dentro um tiro e sae
Rodrigo pelo monte como que vem
despunhado e punhal e ele ensang
guentado e Fernando continua.
Mas ai Deus quem se despenha
Pela parte daquele risco,
Verei se deste alantisco
Eu o conheço nas sombras.

RODRIGO
Qual teure de morte,
Dá vezes no chão desgraçado,
Levantando a vóz ao Ceu,
Morre já desesperado!
Quisera a borda do mar
Fazer lamento profundo,
E despedido do mundo
Depois poder-me sepultar!
Perque os animais e aves
Não me despedem, Oh! ceus!
Jaze em terra neste ledo; (Cae)
Tu que meus segredos sabes
Perdoa-me as maldades,
Pois de oração te rogo.
Esta clamação fôra a ao ceu enqui
quanto Fernando está a espreitar
e que é traz do alantisco e can-

conhecendo-o diz

FERNANDO

Ai meu Deus; que será isto?

D. Rodrigo!

Tão sanguento e tão ferido.

(chega-se a ele)

Rodrigo, estas já morto?

RODRIGO

Eras amigo leal,

Morre em teu poder contente,

Para que logo ao momento,

Me ajudes a levantar.

(Sacam dois leões e o querem levar para o inferno e diz eurr eu o Diabo)

Come para uma alma só,

Vindes uma legião de demónios?

Mas não me atribuleis,

Bestas ferozes de profundo,

Já me despeço do mundo,

Breve me acompanhareis!

FERNANDO

Que vês?

RODRIGO

Os demónios!

FERNANDO

Que se escapem p're inferno,

Valha-me S. Simão;

S. Martinho e S. Caitano;

Chama a Deus que seja contigo?

(Vão-se os demónios)

RODRIGO

E Deus justo, e não sou eu,

Que o tenho muito ofendido;

Que são meus delitos muitos.

FERNANDO

Isso has-de dizer senhor,

Aonde estão os meus estudos?

Eu hei-de converter-te a ti

Sendo como sou um bruto

Pões em terra os teus joelhos,

Debra no chão os membros

E peço misericórdia

De teus delitos e erros

Levanta os olhos ao céu,

E não te acordes do mundo,

E leva-os soluçando

Em Deus e seus atributos;

RODRIGO

Ajuda-me a levantar

Porei na terra os joelhos,

A alma começa a gozar

Deus soberano e eterno,

Sem tempo, fim nem principio

Em quem confesso e adoro;

Por quem vive e por quem morre

Bendita seja tua clemência

Deus de admirável juízo;

Bendite em todas tuas obras

No céu e terra bendite;

Oh! Deus com que hei-de pagar,

A mercê que hei recebido,

Senão de morrer pensando

Das culpas arrependido!

Quem bem te hei feito senhor?

Para que assim hajas querido,

Que à hora da minha morte,

Me dásseis tanto sentido?

Grande Senhor misericórdia,

E paraíso também te dá.

17

E de meus terpes delictos

Perdóame por quem és;

E não entre senhor em juízo

Com teu serve pois não pode

Justificar-se contigo!

Almas do purgatório

Oh! Santos do Cum benditos

Que bem poucas vezes eu,

Dévele vossa tenho dito;

Mentes que me estais exultando

Marés, rios, selvas e planaltes

Aves clementes e crias,

Hoje tedes como seis sermões

Olhai que vos faço pedido

Como prometo a meu Deus

De o não ofender e digo;

Que se assim não o cumprisse

Naquele dia de juízo;

Vós levanteis contra mim.

A meu Deus peço e suplico,

Não me condene ao inferno,

Sem paga de meus delictos

Me tenha no purgatório;

Deis mil anos...?

FERNANDO:

Que há pedido?

Deis mil anos!

RODRIGO

Peor é ir-me ao inferno!

FERNANDO

Se disseses quatro ou cinco,

O que mal Rodrigo fizeste

Não aconselhar-te comigo

RODRIGO

Adous irmão que me morre

FERNANDO

Diz Jesus alma Christã.

RODRIGO

Despede-te da minha parte

De meus parentes e amigos,

Diz a todos que me perdoem

A demais ao Senhor Bão,

Que encomende minha alma a

Deus

Que humildemente lhe peço,

Em tuas mãos soberanas

A Christie meu espirito rindo

(Morre)

FERNANDO

Redemptor da alma minha,

Que por este homem perdido,

Passas-te morte e paixão,

Guias-me por bom caminho,

Que imperta Senhor Fernando,

Encomendar-te a Christie?

Deita-te ao ombro defunto,

Já entre primeiro e fiz

Pois a noite tem fachada,

Que por entre estes perigos

Ir a cidade de Deus,

A dar de sua morte aviso.

Leva-me às gentes para dentro

e sai o localde

ALCAIDE

O Conde muito me encarregou

Que esta fortaleza veja,

E saiba quem a passeia

Pois me háo posto de guarda

Mas gente vem aqui
Pela moçalha adeante
Sem duvida é o ajudante
Que a mandar-me vem a mim
Quem vem lá?

**¶ Sae o bispo pe la muralha
adiante**

BISPO

Amigos são

ALCAIDE

Que gente?

BISPO

O bispo que ronda,
Isso me parece bem,
Haja no muro cuidado,
Já que o reino está arruinado,
A ilha se está a conquistar
E por mistério da Trindade,
Li v're esta cidade
Das iras de Baltazar.

**(sae Fernando com R. drigo às costas
morte e diz**

FERNANDO

Graças a Deus que cheguei,
Ah do muro.

BISPO

Quem vezca?

ALCAIDE

Morra qualquer que seja.

Vae-se

FERNANDO

Não tendes que desparar
Que sou Fernando,

BISPO

Fernando?

Peis como vieste agora
Tão escuro e a deseras?

FERNANDO

Venhe de certa ausentade;
Meu Senhor Bispo honrade
Mande-me abrir o pestigo,
Que trago a meus lambos morto
O corpo de D. Rodrigo.

BISPO

A meu Schrinho?

FERNANDO

Pesa mais de nove arrobas,
Mas se traz tanta piatela,
Aos meus ombros se carregou
Mas nada me subjeu,
Para o trazer a tua casa;

BISPO

Meu coração se há encoberdo
De tristeza abre-lhe a porta,
Que é nem que a outra morte,
Se veja com o defunto. **(Vae-se)**

FERNANDO

Lindamente se derranga,
Já a dispensa me vou,
A que me deiam um coelho,
Uma beta de vinho velho;
E sabe Deus se me verbi farto
Porque o nesse irmão defunto,
A quem a morte apanhou,
Como quem comeu rãs;
Mil milhares de avelãs,
Todes os fates borrou. **(Vae-se)**

**Sae o lcaide com duas luzes que por
perá a Rodrigoe um leite**

Oh! que fortuna tão variável
Que andas com uma errada,
E com outros acórdia,
E em nenhum estado estável,
Oh! infeliz cabalheiro,
Que vende-te sacerdote,
E atirando com o capote,
Fizeste-te bandeireiro;
Se em teu convento estiveras,
E até ao fim te preservaras,
Quantas mitaras e tiaras,
Cá neste mundo tiveras.. **(Vae-se
Sae o Bispo e elhando Rodrigo diz
sestado o bispo:**

Filho de meu coração,
Morte estás a culpa é minha,
Eu venho a ser este dia,
Causa desta perdição!
Contigo usei de crueldade,
E Deus comigo se há irado,
Peis querendo ser casado,
Fui contra a tua vontade;
Não te mateu o inimigo,
Eu sim, mas se, se adverte,
Fui que quizes de missa ver-te,
Para alegrar-me com-tigo
E agora caio na conta,
E me horrer que cometi,
Contra Deus e contra ti,
Vi-te de missa uma vez,
Vi-te em pulpito subido,
Agora morte a meus pés;
Tive-te notável amor,
E agora que assim te vejo,
Que estas condemnado és,
Como réu e mal feitor;
Desventura a essa hora;
Que nasceste neste chão,
Vou dar-te consulação,
Regando a nossa Senhora.
**Incorporas-se Rodrigo e o Bispo
levanta-se assustado; e diz**

RODRIGO

Peis indo minha alma ao Céu,
Tio e Senhor porque choras?

BISPO

És fantasma ou és visão,
Ou invenção de Satanaz,
Tu falasou donde vás?

RODRIGO

A pedir tua Benção,
Benze-me Padre amado,

BISPO

Não com humildade fingida,
Pensas dar-me fim a vida,
Para deixar-me enganado;
Este relicário bento;
Cheio de reliquias Santas,
Que se ahasse te levantas,
Com ele te prende num monumento.

RODRIGO

Não me espantas,
Põe-me esse tesouro bento.

BISPO

A que fieste a este mundo?
Tráz-me esse caso notório,
Tu estas no perigatério,
Quê caíste no profundo?

RODRIGO
No purgatório estou,
Padeço grandes penas,
Por minhas culpas e pecados
Que é de Deus justiça recta.

BISPO
Pois morrendo em mau estado, te salvaste?

RODRIGO
Considera que é Deus mezericordioso?
Para aqueles que contritos,
Banham sua cara e olhos,
Chorando os seus delitos,
Eu fui meu senhor tão grande,
Esta dor de contrição
Que caí logo no chão,
Por dois mil anos senhor,
Eu me sentenciei de penas,
O purgatório e enfim,
Foi minha rogação aceite,
Faz padre bem por minha alma,
Eu suplico-te de veras,
Pois em aquele lugar,
Não se vêem senão trevas,
Obscuridade e pranto,
De horribéis vozes horrendas,
Há cidades tenebrosas
Com castelos e prisões,
Aonde pegam as almas,
Os castigos das paixões,
Uns acusam a outros
Com trombetas e pregões
Publicando seus delitos,
Por estarem muito aflitos;
Tão diferentes martírios,
Que não se atreve a minha língua,
A explica-lo: queres padre,
Ver uma alma ou uma senha,
Das dores que ali se passam?
Abre a mão e recebe,
Da dor que ali me atormenta,
Simplesmente uma gota,

Pega-lhe na mão mas o bispo
queimando-se solta-lha e sa-
codindo-a a sua diz também o

BISPO
Oh! Deus que morro!
Que me abraço!

RODRIGO
Meu senhor de mim te a cordes;
(cae e morre)

Sae Fernando e o Alcaide.

FERNANDO
Que é isto que deita fumo?

BISPO
O purgatorio esta(apontando-a)
E padece penas atrozes
Os sinos dobrem as vozes,
A fazer bem pela alma já
Que são mui grandes as penas

Segundo sua dor mostra,
Em sufrágios missas e honras
Gastemos todas a fazenda,

ALCAIDE
Que tem visto meu senhor?

BISPO
Ai que me atravessa a mão,
Uma gota d'aquela fogo

ALCAIDE
Deus de ti se compadeça,
BISPO
Trazei os dois meu soBrinho,
AMBOS
Vamos com ele à Igreja.(VÃO SE
Ressoam os sinos ou cousa apa-
recida. Depois haverá rugido d
dentro e diz o rei saindo com
fúria.

REI
As armas, as armas, soldados
Toda esta gente feneça.

DENTRO
Mezericórdia, piedade, Tem de
Tem de nós outra clemência,

REI
Vamos soldados às armas,
Toda esta gente feneça:
Não tenhais piedade nenhuma,
Se não rigor e braveza;
Todo sejam crueldades,
Não fique bislumbre nem senha,
De vivente racional;
Que entre fidalga é Plebeia
Não seja espelho triste,
D'uma enlutada tragédia
Até o palácio do conde,
Tenho chegado e as Portas
Todas fechadas se encontram
Como se do meu furor
Tivessem de se libertar!
Ah! do palácio? Abri?
Feros inimigos que estais surdos
Se não vereis inundial-o;
E reduzidos a cinzas
Os muros deste palácio.

DENTRO
Misericórdia, Piedade,
Tem de nós outros clemência

REI
Clemência pediz traidor;
Olá franqueai-me as portas,
Ah! do palácio sahi!
A que vos veja miseráveis,
Um rei que a buscar-vos vim,
Não vês que é pessoa régia?

No alto da muralha sae o com-
ds com um menino pela mão, e a
infanta com outro aos peitos e
diz o

CONDE
Misericórdia gran rei,

Compadece-te de vêr,
Toda a cidade dezerta,
Pois todos seus moradores
Tem parecido á força,
Á ira do teu castigo
E das rigorosas frechas,
Do homem sanguinolento,
Que destroça, abraza e queima;
Não te lastimas de vêr,
Uma mãe que alimenta,
A seus filhos pequeninos,
Corta suas mãos mesmas,
Um braço para sustento,
Daquelas viventas prendas?
E o pai como seu filho,
O filho sua mãe mesma?
E não contento com ver,
Tão lamentavel tragedia,
Com espada do rigor;
Vens senhor às minhas portas?
Não te move gran senhor,
A lástima e a clemência,
Ver dois netos pequeninos,
Que mas balbuciantes línguas
Sem pronunciar um acento,
Que és seu avó gorgeliam?

INFANTA

"eu pai meu rei e senhor,
Perdoa nossas ofensas,
Redime nossos agravos,
Que a magestade suprema,
De Deus nos ensina a todos,
Que perdoemos as dividas,
Ou ofensas do inígnito,
Se isto não te faz força,
Ao que o teu valor mitiga,
Bastam senhor as tragédias,
Que tens feito em nossas terras,
Em nossos trinta vassallos;
Oh! meu pai, e senhor...!!!

REI

Fecha os labios falsa filha,
Essa tua infame proposta,
Não pronuncies atrevida!
Eu teu pai antes o era,
Agora sou basilisco,
Sou tigre sou uma fera,
Somente ãeber intento,
Em vosso sangue traidora!
Até secar vossas veias
E se não abris o palacio
Franqueando-me essas portas,
Vereis a maior crueldade
Que tem gerado a cautela;
Pois abraçando-o todo
Assegurarei a impressa.

MENINO

Não nos maltrateis meu avó
Não a meus pais des mais penas;

REI

Infame avó me chamaste,
Vai-te da minha presença

MENINO

Não me quereis?

REI- Aborreçote.

MENINO- Quem o permite?

REI - Tua estrela.

MENINO- Quem o ocasiona?

REI - Teus pais

MENINO - Que te hão feito?

REI - Uma traição

MENINO - E que faremos?

REI - Morrer

MENINO- Não há remédio?

REI - Não se encontra.

MENINO

Nunca verás bom avó

Quando aos teus netos desprezas.

CONDE

Tem piedade gran rei,
Tem dos meninos clemência,
Já não é por ser teu sangue,
Mas por inocentes sequera,

REI

Até nao ver vosso sangue

Não pára a minha perreza.

CONDE

Esposa querida e filhos,
A divina providência,
Dê socorro a nossas vidas,
Se houve tantas misérras
Pois nos vemos tão cercados
Sendo por Deus, venham penas.

INFANTA

Senhor venham mais trabalhos,
Se por vós estou desposta,
A padecelos constante.

MENINO

Não te abrandam as finezas,
De minha mãe, e tua filha?

REI

Em breve vereis meu furor,
Não ha-de ficar no palacio,
Arco, janelas, nem pedras
Que meu furor não desfaça;
Tomei-me a furia sangoenta;
Eia bizzarros soldados,
Fogo dalguitrão se pervenha,
Reduzi-me em cinzas
Esta montrosa opulência.

CONDE

Deus, defenda nossa causa.

REI

Que vos livre da minha soberba.

INFANTA

E seu braço poderoso

REI

São grandes as minhas forças,

MENINO

Para com Deus tudo é nada.

(Vão -se)

REI

Pois pede-lhe que vos defenda
Do rigor dos meus soldados.

Estendam-se minhas bandeiras,
 Às armas soldados meus,
 Caia o edificio á terra,
 (Atiram tiros e dizem todos dentro)
 É grande a omnipotencia
 E se ela o permite vereis;
 Só, fumo, nem pó nem terra,
 (Vai-se o Rei)

JORNADA TERCEIRA

MUSICA

Ai que abrasa o palacio,
 O rei com sua maldade,
 O conde e a Infanta,
 Sairão dele por milagre
 (Sae o Rei) COMO de noite)
 Já que a noite se veio,
 Em seu noturno silêncio
 Com as sombras a pedrinhas,
 Meus vingativos desejos,
 Solicito uma vingança,
 Para adquirir um tñofeu,
 O meu sangue a a minha honra,
 Para ficar satisfeito,
 Dum agravo ocasionado,
 Da traição do meu desejo;
 Pois a ocasião me brinda,
 Os ceus sejam testemunhas,
 O sol, estrelas e lua,
 E o celeste firmamento;
 Duma temerária ocasião,
 Do mais tirane despeito,
 E da mais cruel vingança,
 Que já mais os homens viram,
 Eia valentes soldados,
 Já é ocasião do meu empenho.
 (Acende fogo que dura algum tempo)
 Derramai pelo palácio,
 O golfo que está em meu peito,
 Não fique neste edificio,
 Se não
 De pedra que não destrua,
 O alquitrao do meu fog o;
 Mas o meu furor me valha,
 Que o acelerado incendio;
 Se apodessa dessas terras,
 E assim logo o meu intento
 Pois não poderão escapar-se,
 Meus inimigos soberbos,
 Deste perigo, que os cerca,
 Guerra, Guerra, Fogo, Fogo.
 (Vae-se.) Sae o Conde por uma ja-
 nela a meio vestir e dá um salto
 dela para baixo e diz a

INFANTA
 Não haverá quem me socorra?!
 MENINO
 Meu pai que vivo me queimo?!
 CONDE
 Agora, agora que me abraso.
 (Sae agora)
 Vingança peço aos ceus!
 Meu palacio feito troza,
 Com meus olhos próprio vete

Em fogo de alquitrao abraza,
 E suas chamas me tem medo,
 E pela verocidade,
 Se avezinham até ao Ceu?!
 Quem viu traição semelhante!
 Quem viu tão cruel empenho!
 Quem tão temerário caso!
 D'um rei enganado e cego!
 Por um postigo á rua,
 Me pude escapar do fogo
 Batalhando com as chamas,
 Já tropeçando e caindo,
 Ali encontrando valcoos
 Aqui despojos sangrentos,
 De meus pagens e criados;
 Que ali abrasados os vejo;
 Em chamas, meus escriptorios
 E alfaias de grande prego,
 Mas o que mais me aflige
 Oh! Deus! grande sofrimento!!!
 Para que nao chegou a vér
 Meus filhos e minha esposa,
 Naquelas chamas a arder,
 O que o coração suporta,
 Esta miseravel morte!!!
 Já em cinzas desfeitos,
 E em carvões já reduzidos,
 Se verão; como não morro?
 Como esta dor não me acaba,
 Para que quero a vida,
 Se minha esposa querida,
 Naquele fogo ardér,
 Nem lhe pode valer?!
 E meus filhos estimados,
 Nao havendo creatura,
 Que os possa socorrer,
 Morrem ali abrasados?!

Dizem dentro a um lado da INFANTA,
 e ao outro o menino.

INFANTA

Conde esposo, que me abraso?!

MENINO

Ai; que vivo me queimo?!

CONDE

Ainda vivos prendas queridas?!

Oh! tu caudaloso fogo,
 Que com teu furor abórtas,
 Montes, castelos e povos,
 Não executas teu rigor,
 Em tão sincera inocência!
 Que a vozes estão pedindo,
 Piedade, socorro e clemência!
 Olha que é valiente

Descarregar neles rendidos,
 A espada dá escarmento.

MENINO

Meu pai que vivo me queimo?

CONDE

Primeiro um raio me parta,
 Querido que eu esquecerte,
 Quero acodir ao remédio.

INFANTA

Conde amante e doce esposo?!

CONDE

Oh! terrível confusão!!!
 Já repartido me vejo,
 Minha esposa a este lado me chama
 Meu filho do outro suplica,
 A qual acudirei primeiro?!

MENINO

Meu pai que vivo me queimo?!

CONDE

Ceus, que vos não posso remédier!

INFANTA

Adeus esposo da alma!!!

CONDE

Oh! terrível confusão!!!
 Játe acudo mas hó! Deus!
 Que já os volcões deste fogo,
 Se apoderam já das nuvens
 E redimir-te não posso!!!
 Adeus prenda da minha alma,
 Adeus adoro-te dono,
 Adeus filho da minha fida,
 Chovam sobre mim os ceus,
 Mil raios, e que na terra,
 Lhe sepultem em seu centro;
 Já perdi o rico tesouro,
 Para que a vida quero?
 Se meus filhos e minha esposa
 Duvime campos amenos.
 Sae uma alma com um menino pela
 mão e deixa-o ao pé do pae, de
 modo que, o não veja à primeira vista,
 e vae-se a alma.
 Publicai-o aves sonoras,
 Cantai regatos por mero,
 Das águas groquelejando,
 E chorai fontes alegres,
 Que as agoas estais deitando,
 Enquanto meu triste alento,
 Em as chuvas de meus olhos,
 Acham descanso um momento;
 Sae outra alma com o outro menino
 e desde que o deixa diz o:

MENINO

Meu pai, meu querido pae?

CONDE

Céus; que é isto que vejo?
 É elusão do sentido,
 Filho querido, que é isto?
 (Abraça-se)

MENINO

Benigno o céu comigo,
 Se mostrou e sabeí pae,
 Que um paraíso supremo,
 D'azul e branco vestido,
 Quando origoroso fogo
 Chegava a vingar em mim,
 Seus vingativos incendios;
 D'improvido me livrou,
 D

'aquele perigoso fogo,
 E ao pé de ti me deixou.

CONDE

Chega-te mais aqui bôlo.

(ABRAÇAM SE)

E por nova tão feliz,
 Demos-lhe graças ao Céu.

Sae por outra porta ou-
 tra alma, com a infanta e des-
 de que deixa diz a

INFANTA

Esposo, conde esenhor?

CONDE

isto é elusão ou sonho,
 D'uma fortuna tão bôa,
 Que temo fortuna temo,
 Qua agora me mate o prazer,
 Se não me matou um termente;
 Esposa, duvido esta dita,
 Filhos o sentido perco,
 Esposa dáme os teus braços.

(Abraçam-se)

Branca rosinha em bertão
 Flor desfolhada é força,
 Dum vento traidor e soberbo,
 Que despedaça o coração,
 É possível que te veja
 Restituída a meus braços
 Conta-me esposa o sucesso?

INFANTA

Um menino lindo e belo,
 Mais rápido que as andorinhas
 Cortando o voraz incendio,
 Quando de chamas cercada,
 Lamentava o fim funesto;
 E entre congexas e penas,
 Me alagava o sentimento,
 Pelos ares me livrou,
 D'aquelle perigoso fogo,
 E me disse que os quatro,
 Com pressa e sem tardar
 Os fosse-mos para o castelo,
 Para nossos corpos livrar.

CONDE - Que éra?

INFANTA- Não o viste?

CONDE - Não vi.

INFANTA - É certo?

CONDE- Em verdade nada vi.

INFANTA- Pois aqui chegou e s

se foi

Por deante de ti mesmo.

MENINO- E o que a mim me lie

vrou

Meu pae também não o viste?

CONDE- Não por certo,

MENINO- Pois perto de vós p

passou

Mas elevou-se e voou.

CONDE

Esposa, bem sei que são,
 Os defuntos que morreram
 Em graça de Deus, e veem,

A ampara-nos nos apertos

E posto que nos avisam,
Vamos ao castelo logo,
A dar-lhe as graças ao Cêu,
Pelos benefícios feitos
E a rogar pelos defuntos,
Posto que livres nos vemos,
D'um rei cêgo, um rei usado,
Um cruel pae, um mau sogro,
Que ultraja seu sangue próprio,
E perde o respeito ao céu. (Vão-se)
(sae o Rei e diz.)
Que tanto a fortuna os ajude,
Ficando se palácio arruinado,
Tenho noticia que não livrado,
E o forde de calhar os encobre.

Sae LUDUVICO e diz
Buscando-te tenho vindo rei formoso,
REI
Vindes triunfando da grande conquista.

LUDUVICO
Não há vila nem lugar que te resista,
Nem castelo forte nem brioso
Lhe resiste a teus soldados valerosos,
Com coragem infortuna mui valente
As bandeiras destroçam a sua gente,

REI
Os logares castelos e fortes,
Hei-de abraça-los que é meu gosto,
Esta cidade em gran perigo heiposto,
E seus moradores renderam seus postos,
LUDUVICO

Pois de todo espero me dê parte,
Dos troféus que há empreendido marte,
REI- Hás-de saber Luduvico,
Que mil anos guarde o céu
Que de todos quantos é

Grandes, medianos e pequenos,
Todos ficaram sem vida,
Portas, castelos e cidades,
Todos ficaram arruinados,
E convertidos em desertos,
Os povos, que tributavam,
Ao conde fabrieio ofendo,
E depois destes destroços,
Vi-me com fúria resolvida,
A cercar esta cidade,
Com uma cruel tirania,
Deu-lhe avance a minha gente,
Abatendo cruelmente,
As bandeiras e seus supstros,
E em seu lugar arvorando,
Roxos estandartes pretos,
Não tem escapado um a morte,
Uns que se lançavam ao mar,
Outros se chegavam ao fogo,
Outros se davam a morte:
Mas antes de tudo lá dentro,
Gatos perros e cavalos,
De pura fome se comeram;
A tanto chegou o rigor,
E essa cruel tirania

Que o pai comia o seu filho,
E o filho seu pai comia;
Ouve algumas mães que tinham,
Filhos de peito inucentes,
E vende morrer a seus filhos,
Por faltar-lhe os alimentos,
Com o sangue de suas aveias,
Pela falta do seu peito,
Alimentavam seus filhos,
Com o sangue em vez de leite,
Até que a morte horrível,
Descarregava sobre eles,
O golpe fero e terrível:
Cheguei ao palácio do conde,
E vendo o perigo deles,
As portas todas fecharam,
De puro temor e medo,
Mandeí que fogo lançassem,
Em uma noite o incêndio,
Abraseu todo o palacio,
Até os muros cimeiros,
E quando pensei que tinha,
Conseguido meus desejos,
Soube que o conde e a Infanta,
Com dois filhos pequeninos,
Em o castelo de calhar,
Se recolheram a lá dentro,
Se amparam, mas já cercados,
Com meus soldadões os tenho;
Pegar-lhe fogo ao castelo,
Por impossível o tenho,
Que o contra muro é de pedra,
Mas já que assim não posso,
Vingar meus cruéis enojos,
E para ter gosto contento,
A fome será instrumento
E acabará com esses despojos.

LUDUVICO
Tem piedade rei e senhor,
Sequer por teus doisnetos,
Que parecem dois anjinhos,
Tão pequenos e tenrinhos?
Como homem o conde pecou,
Ao feito já não há remédio
E o pontifice romano,
Lançou-lhe a escumunhão,
Dá-lhe a Cerdinha o perdão,
Já tem deles compaixão,
E perdô-e essas ofensas.

REI
Luduvico tu que pensas?
Sobre defender minha honra
Arribo a perder mau reino,

LUDUVICO
Tem piedade deles senhor.

REI
Não me deias mais enjôa,
Que sou Afonso de Espanha,
Contra o Conde de Saldanha,
Até tirar-lhe seus olhos;

Sae e Marques e traz a Fernando preso.

MARQUEZ

Este correio passava,
Num caminha tão ligeiro,
Levava carta para o Conde
E eu fi-lo prisioneiro.

REI

Bem o conheço que é um traidor,
E ha chegado a tão bom tempo
Que he-de executar nele,
A ira e raiva que tenho.

Diz Fernando quase chorando
Pois que culpa tenho eu?

REI

Inimigo! Viva o céu!
Que do cruel coração meu
Tens sido tu instrumento
Com tuas alcovitices.

FERNANDO

Olhe lá, veja o que diz,
Trata-me como quem sou,
E o tratar mal seja pouco,
E advirta que sou louco,
as dos melhores cristãos,
Que há em mais de mil reinos.

REI

Pois enforca-me esse cristão
Tão infame e tão perverso,

FERNANDO

Por Christo me castigais?

REI

Por mau christão pelo menos,
Deita-lhe ao pescoço o cordel.

FERNANDO

Senhor eu vo-lo agradeço
(Isto dizia-o para Deus)
E dou-o por bem recebido.

MARQUEZ

Já estava prevenido,
Aqui estou caneleiro
Agora grande sendeiro,
Dele vou penderar-te eu.

FERNANDO

Caneleiro sou eu Judas Farizeu

REI

Nós outros entretanto e não
Ao castelo volveremos
A buscar o conde ingrato
E se não resistarmos,
O seu templo e veremos,
Se nele se oculta esse traidor.

VÃO-SE

FERNANDO

Veje que estou num cemitério
E que esta terra é sagrada,

MARQUEZ

Vem traidor

FERNANDO(choraa)

Herege espera

Deixa-me rezar um credo

Que leve o diabo a vontade

Que de morrer agora tenho.

MARQUEZ

Já tendes posto o cordel

FERNANDO

Justiça peço aos céus
Que me levam a enforcar
A uma arvore dos infernos.

MARQUEZ

Eia, incomenda-te a Deus

FERNANDO

Que cuidado tem ele em mim
Pensa que morro com gosto?
Dê-me sua vida e troquemos.
Mas já soberano Deus!!!
Como dum sonho recôrdo,
E ao pescoço um forte laço
Meus inimigos deem posto!!
Contento estou em saber,
Que morro num cemitério,
Porque a minha tenção
Era rogar pelos defuntos,
Ouvi defuntos soberanos
Os que já estais nos céus,
Como não volveis por mim,
Neste passo tao tremendo?!

Saem duas almas dos sepulcros
com paos d'alivio e dão porradas
no Marquez

1ª alma- Fôxa, aparta vilão.

dá pancadas

MARQUEZ

Santo Deus, que será isto?

É um caso nunca visto

O ressurgirem os mortos

2ª alma- Deixa livre este devoto.

(dá-lhe pancadas)

MARQUEZ

Ai! Que me matam

Ai! que fenece!

(Vão-se retirando as almas tráz dele
Fala com alegria)

FERNANDO

Victoria pelos defuntos,

Que por eu rogar poreles,

N'esta ocasião me valeram.

AS duas almas- Vem connosco,

Que em salvo te poremos.

(Vão-se)

Sae o Rei e Luduvico e diz o

REI

Que nao acham a estes tiranos

meus vingativos cuidados?

Registai fortes soldados,

Esses tem plos soberanos,

Subi a todas as partes,

Tde à torre à tribuna,

Não deixeis coísa nenhuma,

Sacai-os logo daqui.

Essas alturas olhai,

Capelas e Sacristias,

Das abóbadas mais frias,

Os sepulcros registai

Golpeiam dentro, tocam os sinos
e dizem dentro os defuntos.

DENTRO

Rei cruel, rei enhumano,
Não persigas mais o Conde,
Sae o Marquez e os soldados
assustados.

MARQUEZ

Senhor, Senhor os defuntos,
Nos hão lançado a empuxões,
Dando-nos muchieções,
Que veem mais de mil juntos.

REI

Que temor meu peito esconde,
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXX~~

Oh! que ruido tão estranho!
As mãos e pés obsortos,
Hão ficado quasi em ver,
Que assim querem defender,
A este tirano os mortos?

BUDEVIMO

Tu que tens?
Não estás em ti?

REI

Que correm a Igreja quero,
Porque o conde é feiticeiro,
Deixai-o vamos aqui,
Em algumas doutras rêdes,
Ele é de vir cair, vamos,
Que nos fazem já tremer,
Estas sagradas paredes.
(Vão-se)

Sae o conde com o menino
maior pela mão, e a Infanta
com outro ao colo,

CONDE

Oh! Virgem santa divina,
Dos pecadoresauxilio,
Vamos senhora fugindo,
Deste vento transversal,
A necessidade obriga a tal
Oh! mãe de quem vos emplora,
Saimos do castelo agora,
A buscar o alimento,
Tres dias são acabados,
Que os nossos débeis corpos,
Não têm recebido manjar,
De pão, agora ou refrigério,
Que possa servir dalivio,
E nos possa dar sustento;
Porque o sinto senhora,
Por estes meninos pequenos,
Por minha aflita esposa,
Isto é o que choro e sinto,
Em trage de peregrinos,
Por uma mina que temos,
Ja no castelo, saímos
para não ser descobertos,
A pedir uma esmola,

Pra dar á vida sustento;
Pois este rei de Sicillia,
Asselou o da Cerdenha;
Antes que a noite feche,
A cortina do seu veu,
Busquemos quetida infanta,
Albergue em seus tocos lenhos;
Vamos caminhando, esposa,
Oh! meus filhos caminhemos;
Por esta aspera montanha,
Que Deus nos dara remédio;
Se David foi perseguido,
Eu perseguido me veto,
Ele D'um Saul envejoso,
Eu d'um Baltazar soberbo.

INFANTA

Oh! quando, conde e Senhor
Estas tiranias sinto?
Mas Deus nos há-de defender
Tenhá-mos nele confiança.

MENINO

Meu pai a sede me aflige
Não houvera agoa para mim?

CONDE

Ai! filho da minha vida,
Olhos que tal escais vendo
Sende fontes a manar ágoa,
Fontes que alagoeis meu peito;
Defuntos que estais em graça,
De Deus sagrado e eterno,
Remedeai minhas aflições!
Sae-em duas almas, uma por uma
porta, e uma traz pão numa ces-
ta e outra traz ágoa n'um vaso ed
diz a

1ª alma

Já vos favorecem os céus,
Felo bem que fazeis ambos,
Sempre por vós olhamos,
Que assim no-lo manda Deus;
Aqui vos trago o alimento,
Para escapar eom as vidas.

2ª ALMA

E eu vos trago as bebidas,
Para restituirdes a vida,
E para aplacardes a sêda
Sentai-ves sem temor nem medo,
Da cruel furia do rei,
Que a vosso lado estamos
Guardando vossas pessoas

CONDE

Deus soberano e Eterno,
De favores tão calmadass
Eu indigno me confesso,

REI DENTRO

Registai esses castelos,
Olhai se se ocultaram dentro

INFANTA

Ai! Meu pai!

1ª ALMA

MENINO

Aii Meu pai!

1ª ALMA

Deixai à parte o receio,
Comei e sustentai as vidas,
(sentam-se a comer)
Que por mandado do céu,
A vosso lado estaremos,

2ª ALMA

E porque vossos desejos
Se cumpram por esses ares,
Em pouco tempo vos poremos
Na grande cidade de Deus,
Aonde é rei usado e cego
Intenta dar o assalto,
Perdendo a Deus o respeito.

1ª ALMA

Mas perderá a batalha,
Que um exército soberbo
Virá a defender gran Conde
Seus muros castelos e casas

CONDE

Pois se as nossas sentinelas
São almas justas e Santos
Não tenhamos medo a tantas,
Traições que nos defendem elas.

INFANTA

Filhos, o alimento tomemos.

1ª e 2ª ALMA

Comei que entradas defendemos

Enquanto comem estão de sentine-
la)

CONDE

Esposa minha,
Come do pão dos céus
Tomai filhos dos meus olhos.

MENINO

Oh! Que branco e bom é.

INFANTA

Oh! como o céu piedoso,
Favorável em nosso perigo
Comunica sua piedade.

CONDE

Pois Infanta
Dêmos-lhe graças ao céu
Pelos favores imensos
Que suas mãos nos preparam,
E agora embaixadores belos,
O supremo Criador,
Guiai-nos ao ditoso porto
Da cidade Sacrossanta,
Onde os defuntos tenho,
Fundada uma confraria.

1ª ALMA

Vem que a salvo te poremos,

2ª ALMA

Vinde pois.

INFANTA

Grande milagre

MENINO

Grande potente!

CONDE

Vamos, almas santas vãos.

1ª e 2ª ALMA

Vamos benfeitores nossos.

(Vão-se)

Sae o Rei e Luduvico e diz o

REI

O castelo temos ganho,
Não parece o Conde e a Infanta.

LUDUVICO

Isso te espanta?

Sae o Marquez e diz
Alviçaras que temos achado,
Mina do Castelo ao mar.

REI

Não há mais,
Marcha tu com os teus
Por esse divino Deus,
Não há Nerão que me iguale
Raivoso! estou de pesar,
Tomem todas as portas,
Seguramente a embarcar,
Que nos falta esta ilha,
Que conquistar e Ganhar.

MARQUEZ

As tuas tropas e aos teus,
Falta a cidade de Deus.

REI

Porque não as tendes ganho,
Forte Martir?

MARQUEZ

Porque lhe toca esta parte
Ao de Candia. (Vae-se)

REI

Forte Martir

Porque não as tendes ganho?

LUDUVICO

Aqui para entre nós dois,
Que já não ouvem os teus
Porque a cheguei a abater;
E ouvi a um soldado dizer,
Cafa a cidade de Deus;
E reparando na voz,
Que o soldado assim chamava,
E que dedicada estava,
Aos defuntos e a Deus;
Isto passa e por isto,
Respeita ao homem guardei,
E assim não a conquistei.

REI

Agora reparas nisto?

Na oração deste inimigo,

Como pode ser directa

Adeus minha gente a cometa.

LUDUVICO

Com isto retirem-se os meus
Não quero que o meu exercito
Forme guerras contra Deus.

REI

Que gentis homens são os teus?

MUDUVICO

Respeito rei famoso Deus,
 É contra Deus não guerreio,
 Quem contra Deus guerrear
 Há-de perder e não ganhar.

REI

Gente cristososa,
 É mesmo para admirar
 Tocai às armas soldados.

MUDUVICO

Aos defuntos agravas,
 E não ao vivo.

REI

Eu os persigo
 Em nome de meu inimigo,
 Eles são nobres e sábios,
 E saberão por si viver,
 Quem tenha medo que o tenha
 Que a ninguém hei-de temer,
 Esta cidade asselai
 Ide soldados bem juntos,
 Não tenhais medo aos defuntos
 As mitalhas abrasai. (Vão-se
 Saem à muralha o Bispo com um cruci-
 fixo na mão, o Conde, a Infanta,
 o Alcaide e Fernando todos com
 clavinhas e o menino, e diz)

CONDE

Valentes soldadosmeus,
 Capitães de minhas tropas,
 Para agora é o valor,
 Defendei vossas pessoas,
 Amparai esta cidade,
 Com as armas valorosas,
 Não desmaieis vosso alento,
 Nem temais as grandes fúrias,
 Do inimigo contrário,
 Que Deus por nós outros obra,
 Ele nos há-de defender,
 Com sua mezericórdia:
 Não temais um rei soberbo,
 Acompanhado de pompa;
 Que sua Glória vá é fumo;
 E passa como uma sombra.

BISPO

Oh! católicos freguezes,
 Principais destas parroquias,
 E gigantes que mantendes,
 Templo de tão altas obras;
 Oh! sacerdotes e leigos,
 Divide-nos como tropas,
 Uns marchem ao campo,
 E outros para as paróquias;
 Os sacerdotes de missa,
 Vistam alvas sinjam cordas,
 E cinza branca como a neve,
 Sobre as cabeças ponham;
 As donzelas e meninos,

Cantando as ladainhas
 Irão pelas ruas todas; Os ven-
 Os veneráveis anciãos,
 As viúvas e as matronas,
 Irão arrastando luto,
 E dando aos pobres esmola,
 Levarão luzes acesas,
 Adorando o sacramento,
 E a Virgem da Victoria.

CONDE

Temai soldados as armas,
 Acuda a gente moça,
 Sobre os muros que já,
 Os inimigos assomam;
 Vós alcaide coronel,
 Ocupai as praças todas
 Com gente e artilharia.

ALCAIDE

Já estão carregadas.

INFANTA

Já é exército do rei,
 Por essa praça espaçosa,
 Aos muros se vai chegando,
 Em duas divisões as tropas.

Sae o Rei e o Marquez com
 espadas e tocam caixas os sol-
 dados.

REI

Eia valentes soldados,
 Se esta ocasião se logra
 Digno ha de ser vosso esforço
 De aplauso e de Vitórias:
 O ultimo empenho é este,
 A superficie formosa,
 A babilónia fazei-a,
 Que o mundo chama e nomeia,
 Mistica cidade de Deus,
 Até convertê-la toda,
 Em pó e cinzas e nada,
 Se antes foi do mundo glória;
 Marquez que diz a esria.

MARQUEZ

Que o mesmo bispo em pessoa,
 É o que ensina a gente,
 Aplicando vitória.

REI

A artilharia avisai,
 Que prepararam suas peças,
 Para que atirem certas,
 E vós a cidade cercai;
 Que eu com eles vou ter,
 E já os princípios a ver,
 Mas é lerta sempre estai;
 D. Andrés as chaves dai
 Desta fortaleza heroica.

CONDE

Com que arrogância as pede?

BISPO

Isso ao Alcaide lhe toca.

FERNANDO

As chaves pede?
A ganhar as de S. Pedro a Roma.

REI

Não ofenderei esta cidade,
Como me deis a chave
Do conde traidor e a Infanta.

FERNANDO

Perdê-e que não há esmola.

REI

Considera que a Cerdenha,
Tenho arruinado toda,
Salvo as vilas e povos,
Pediram meza e misericórdia;
Todos os tributos pagam,
A mim uma grande soma,
Quem por duas pessoas quer,
Cidade ver arder;
Em chamas como Sodoma?

CONDE

Tudo o que ves presente
É de teus netos e adorna,
Sua juventude; que te não feito?
Volve em teu juízo torna!

REI

Porque inimigo me chamas
Quando a honra defendo?

BISPO

Esses que a Deus defenderam,
A sua glória pretendem,
Os demais a glória vão,
Olha que o Conde e a Infanta,
Estão casados e gozam,
Do fruto da sua Benção,
E contra Deus te levantas,
Perseguindo o sacramento
do Matrimónio.....

REI

Traidor, não estejas a pregar
Porque esses sermões teus,
Provocam os ferozes meus,
Ide uma peça disparar.

(disparam a peça)

MARQUEZ

Já atiraram.

BISPO

Valha-me Nossa Senhora!!

MENINO

Já deram morte a meu tio!

BISPO

Sante Deus, Virgem Piedosa
Dai-me amigos confissão. (mor-
re)

REI

Caia esta Babilônia.

CONDE

Os mortos a quem ofendes
Se levantam contra ti;
Ouve-me rei....

REI

Dizes que intantas ou me pretendes.

CONDE

Se queres fazer as pazes
É o que quero dizer-te?

REI

Agora pedes as pazes,
Não tenho porque temer-te,
Hei-de ferir-te de veras
Já podes tel-o por certo.

CONDE

Já me rendo aos teus tormentos;
E teu rigor não me espanta,
Como não peças a Infanta;
Meu irmão levou-o Deus,
Das mãos da tua crueldade,
Deixa livre esta cidade
Meus filhos e morra eu;
Não uses de crueldade,
Com meus filhos e tua filha,
No de mais em toda vida,
Executa a crueldade.

REI

A infanta e meus filhos quero
A ti e a cidade também,
Seus muros em terra dem.

MENINO

Pois primeiro dá-me a morte,
Antes que meu pai a suporte.

REI

Eu te trocarei a sorte,
Tu morrerás na traseira.

INFANTA

Cruel és?

REI

Sou fôre

MENINO

Mau avô.

REI

Sou a ira.

CONDE

Impossível que o cente vira!

REI

Valente praticador
Eia disparai soldados
Resseem as caixas ousados,
Executai crueldade.

(Sae Luduvico com pressa)

LUDUVICO

Rei, Baltazar invencível
Famoso em letras e armas,
Manda retirar a gente
Demos pois a volta a Italia
Não persigas mais o Conde
Nem despesar a Infanta
Que um exercito famoso
Bem a vista de Calhar;
Penso que é o Padre Santo,
Ou de novo rei de Espanha;
E está coberta a campanha,
O rei embarca-te, embarca-te,
Ou dispõe para a Batalha,
Que atemorizam os montes

As trepas ou suas caixas
Que veem a sangue e fogo,
Em defesa desta patria
Todos vestidos de branco
Com coroas e esmeraldas.

REI

Se tu temes, eu não temo,
Não tenho temor de nada.

Virão assomando uma porção
de meninos ao longe, em duas fileiras
com ramos, campainhas, espadas e
fê.

Virá D. Rodrigo como capitão do
exercito na frente a cavalo num
cavalo branco e ele também de
branco como o seu exercito, tra-
rá uma lança e ao mesmo se sobem
ao taboado e dão a batalha entrendo e
saindo)

CONDE

Que exercito tão famoso,
E que ensignes tão bizarras.

INFANTA

Sem duvida é o Pdre. Santo
Que numeroso esquadrão.

REI

São aqueles?

LUDUVICO

Aqueles são (Vae-se)

REI

Soldados que vestem albas
(Tocam caixas)

Farão pouca resistência
Entre a gente em batalha
Arruinem estes edificios.

RODRIGO

Reprime rei a soberba,
Que em brebe todas as fúrias
As-de ver aniquiladas;
Guarda-te Deus nobre Conde;
(Entra ao taboado agora)
Estais em boa hora Infanta?
Com os demais que habitais
A cidade soberana?

O exercito presente
Sabei que somos almas,
Que haveis presentado a Deus
Com vossas honras sagradas;
Conde, vér e que nos mandas,
Pois que a servir-te viemos,
Posto que estás em graça
D. Rodrigo, teu sobrinho,
É o que presente te fala,
Que pelos muitos mfrágios,
Qua a cidade celebrada,
Merece pelas defuntos,
Goza a celestial pátria,
Junto com adeo este exercito,

Que a esta presa me acompanha
Agradecer de gosto viemos,
A dar-te graças,
E a defender a cidade
Com teus palacios e casas
Para que gozes contente;
Tu teus filhos e a Infanta
Sentas muito a desgraça
Da conquista deste rei
E ver tua terra arruinada...

BONDE

Mais sinto sobrinho amado
Conhecer as grandes faltas,
Que fapeões ao porgatório,
Sendo um mau sogro a causa.

RODRIGO

Não ouvis...(Aos meninos)
As celestiais palavras,
Do conde a Deus dirigidas
E tão nascidas da alma?

1ª ALMA

Viva o Conde de Cardenha
A infanta e sua casa.

2ª ALMA

E morrra o Rei de Cicilia
Pois Deus assim nol-o manda.

REI

Morra a Infanta e o Conde (vae-
-se)

1ª e 2ª ALMAS

Viva o Conde e a Infanta

Agora D. Rodrigosobe ao tabo-
ado com o exercito, e entram d-
dentro dando batalha com o rei,
Marquez e mais soldados, mas os
sicilianos fôgem.

RODRIGO

Eia nobres companheiros
Lançaí desta cidade Santa
Tão perversos inimigos.

DENTRO

Fujamos todos daqui.

OUTROS

Fujamos, fujamos
(entram e saem fúgindo)

RODRIGO

Morram. Defendei a Patria.

INFANTA

Conde, olha aqueles meninos
Como sabem batalhar?

CONDE

Bem vejo que a sua espada
Bem a sabem manejar,
Mas que estou a esperar,
É ver como esta canalha,
Deserta deixa a cidade,
E a nossa luzida gente,
As seguem com brevidade.

Aclamando todos juntos,
 Vitória pelos defuntos.
 Saem os meninos por várias por-
 tas, e sai também o diabo trazendo ao
 rei preso pelo pescoço com dois le-
 ões dos lados e diz a

1ª ALMA

Vitória pelos defuntos
 Viva a cidade Sagrada.

2ª ALMA

E morra o rei de Sicília
 Pois Deus assim nol-o manda.

RODRIGO

Esta é justiça reta
 Divina, santa e perversa,
 Que manda o Sempiterno pai,
 Fazei que nesta humildade
 Publicamente lhe demos
 A morte, ao rei de Sicília
 Pelos agravos que lhe feito.
 Pegando fogo às vilas,
 Sem reverência nenhuma
 Dessas Igrejas benditas
 Todo são contra ti vózes
 As almas pedem justiça
 Que por tua causa segaram
 Os sufrágios e as missas
 Mataste o vigário Santo,
 Desta Santa monarquia
 E por destruidor deste reino,
 Mandam tirar-te a vida.

REI

Deixai-me besta feróz,
 Deixai-me fero inimigo,
 Não assim meu valor suspendas.

LUSBEL

Permissão tenho de Deus
 Para te tirar a vida

INFANTA

Valei a meu pai agora
 Sagrada Virgem Maria.

CONDE

Divino sol de Justiça,
 Não deis a morte a meu sogro
 Dos demônios o livrai;
 Oh! defuntos soberanos.

(apontando-os)

Oh! divina justiça.

Pedi que aplaque sua ira.

RODRIGO

Pelo grande rei de Sicília
 Todos roguemos a Deus.
 (isto é para os meninos).
 Ajoelham todos, olhando para o
 céu como em oração e diz

LUSBEL

Mezericórdia pedis,
 Já é tarde.

REI

Ai! de mim! Fero rigor
 Valei-me Deus que pareço

Confesso Deus e Senhor
 Que em breve tempo feneço;
 E que o inferno mereço
 Pela loucura e rigor
 Segue meu apetite
 Vingando-me de meu genro
 Vou condenado ao inferno
 Por teu poder infinito
 (Põe-se de joelhos)
 Senhor com que hei-de pagar
 Tanto homem como hei morto,
 No campo descoberto posto
 E assaqueei em todo o lugar
 Oh! meu Deus si poderei satisfazer
 Tantas Igrejas roubadas,
 E donzelas desonradas
 Que no exercito alojei?
 Também paguei a Luteranos
 Soldo em meu campo real
 Que fizeram infinito mal
 Em teus templos soberanos.

(CHORA)

LUSBEL

Por estar condenado choras
 Não te ha-de valer,
 Hoje há-de baixar a arder
 Com Satanaz e Lucifer.

REI

A vida estou acabando,
 Desangrado sem excesso,
 Mezericórdia de peço,
 Que já estou expirando;
 Soberano Redemptor.
 Perdão te peço humilhado,
 Faz-me digno desta graça
 Mezericórdia Senhor!!!

(Morre)

Os diabos o arrastam para o levarem
 para o inferno, mas levanta-se D.
 Rodrigo e os meninos e diz:

RODRIGO

Bestas ferozes apartai.

LUSBEL

O Rodrigo que me queres?

RODRIGO

Espero: deêu-se do pecado.

1ª ALMA

Está de Deus perdoado.

2ª ALMA

O seu perdão está alcançado.

LUSBEL

Renego do meu poder,
 Que é tão curto e limitado,
 Corrido e envergonhado
 Para o inferno me vou.
 (Funde-se disparando um tiro).

RODRIGO

Vinde abri sem temor,
 As portas desta cidade,
 Que está livre na verdade,
 Onde que o manda o Senhor.

CONDE

Ao Senhor bareve obedêço.

RODRIGO

Ao que é bom Deus não lhe fâla.

INFANTA

O dar-lhe fim a batalha

Aos meninos agradêço.

TODOS

Viva a cidade de Deus,

Ganhada pelos defuntos.

(Encobre-se o Conde e a Infanta).

RODRIGO

Nobres companheiros meus,

A aclamação só nos falta,

Premiar ao Conde, os seus

Sufrimentos já passados,

Pois que nos mandam os céus,

E em tanto que escutamos,

Ordem tão suprema e Santa,

A cidade celebrada

arquivo de soberanos

Honras ofertas e missas,

Entoai canção sagrada

(cantam os meninos a cores)

1ª ALMA

O céu e a terra,

luzeiros da alva,

Lvem propícios,

A cidade Santa.

2ª ALMA

De Deus a sua graça

Está dedicada,

Em fazer sufrágios,

As benditas almas.

Sae o Conde a Infanta e Fernando

CONDE

Soberanos embaixadores

Das geraquias altas

As vossas plantas estou,

A fontade vos ofereço,

FERNANDO

Aos meninos agradeço

O ter livrado minha vida

A ventade vos ofereço

RODRIGO

Sentai-vos tio e Senhor

Sentai-vos senhora Infanta,

Atendei estes prodígios,

E as raras maravilhas,

Que o céu santo dispõe,

AMBOS

Quem mereceu dita tanta?

RODRIGO

Nobre Conde de Cerdenha

Inventíssimo monarca

Ohó! quanto o céu vos agrata,

Pela paciência constante,

Em tantas tribulações;

Sua clemência soberana,

A senhora condessa,

Lhe promete uma girna

da,

E a vós o

E a vós o sceptro e corôa,
De Sicilia herditarã:

Selada....

Rei de Sicilia sois, Conde

Em companhia de tantas,

As proprias indulgêneas

As tem já depositadas

No céu de tua piedade

E de tua religião cristã;

Fundou um heroico tempão,

Da imaculada e santa,

Mãe do vervo encarnado,

Maria cheia de graça,

Redemptor do porgatório,

O céu e a terra chamam,

E a ti, Conde e gran rei,

Pelo grande Redemptor,

Os defuntos vos aclamam,

Nobres companheiros meus,

Cingi a corôa sacra

O rei de Sicilia ao Conde

Pois Deus assim nol-o manda

Com muita reverência irão coro-

ando o conde e a Infanta tornan-

do aos seus logares)

1ª ALMA

Eu esta corôa de ofereço.

Põe-lha na cabeça e assim farão

os outros, segundo as ofertas.

2ª ALMA

Eu este sceptro.

(leva-lho a mão)

3ª ALMA

Eu esta girnaldade de flores.

(Isto é à Infanta)

Com esta constante palma.

1ª ALMA

Eu esta espada (ao conde)

RODRIGO

Agora companheiros meus

A aclamação só nos falta;

1ª ALMA

O novo rei de Sicilia

Viva por edades largas.

2ª ALMA

Viva, viva o fundador

Da cidade sacrosanta.

CONDE

Deus soberano e eterno,

Tanto bem e dita tanta

Fazes com um vil escravo.

INFANT

Meu Deus infinitas Graças

Vos dou por tantos favores

Que fazeis a esta escrava.

RODRIGO

Irmãos, pois já cumprimos,

Ordem tão suprema e santa,

E a cidade de Deus,

Fica bem assegurada,

Nobre conde de Cerdenha

Gozei inquietude amada,
 Vossa esposa e vossos filhos
 Que sempre em vossa defesa,
 Estão as benditas almas
 Regando por vós sempre amen.

FIM

Repeado em Duas Igrejas, por José Tomaz Pires, provem de Ifanes
 e Caçarelhos passado nas ilhas da Itália.(Europa)

Duas Igrejas, 23 de Abril de 1927 José Tomaz Pires

José Tomaz Pires de Duas Igrejas do Concelho de Miranda do Douro, o copeou por um de Ifanes pertencente ao Senhor Matola natural de Caçarelhos concelho de Vimioso e residente na freguesia de Ifanes do concelho de Miranda do Douro -Trás-os-Montes Portugal

José Tomaz Pires

Duas Igrejas 1 de Agosto de 1938